

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

A rejeição do tratado da C. E. D.

foi, em parte, uma consequência da abstenção do Governo a que preside o sr. Mendès-France

por ATTICUS

PARIS, Setembro.—A França ganhou a maior batalha diplomática da nossa época. Tal é a significação profunda do voto da Assembleia Nacional que rejeitou o tratado da C. E. D. Justifica-se que, no final, os deputados tivessem cantado a «Marseillaise» num coro em que se destacavam, naturalmente, as vozes dos adversários do Exército Europeu, ao conhecerem o resultado do escrutínio. A vitória da França na batalha travada á volta da ideia desse exército, foi alcançada contra os seus aliados europeus e contra os Estados Unidos e deu áquelles país, novamente, o lugar de grande potência que recuperou o seu prestígio diminuído e a sua influência perdida.

O sentido duma batalha

Para fazer ideia do sentido desta vitória diplomática da França é indispensável evocar as condições em que se travou a batalha de que ela foi o epílogo, batalha crucial que terminou com a votação na Assembleia Nacional. As nações ocidentais tinham chegado a acordo sobre uma política de defesa da Europa Ocidental que implicava a participação activa da Alemanha. A França foi obrigada a aceitar essa política, cedendo á pressão americana. A tal ponto que, no final, era a ela que se

atribuiu a responsabilidade dos sucessivos adiamentos postos á criação do Exército Europeu, proposto por um dos seus chefes políticos, sr. René Pleven.

Entretanto, a França recompôs-se, com tal rapidez e energia que a questão do Exército Europeu acabou por dividir profundamente o Parlamento, os partidos e a nação. Dir-se-ia que o povo francês se lembrara, instantaneamente, de todos os erros praticados depois da primeira guerra mundial, quando a França, cedendo

(Continua na página seguinte)



ENG. PAULO DE BARROS

O progresso do Brasil

nos mais variados aspectos das realizações técnicas segundo o eng. Paulo de Barros

Após cerca de três semanas de permanência no Brasil, regressou há pouco a Lisboa o sr. engenheiro Paulo de Barros, que ali foi como membro da delegação portuguesa á Conferência Mundial de Energia. Técnico da mais alta competência, no domínio da Electricidade, é, simultaneamente, um espírito dotado de raro senso administrativo, pelo que se tem imposto

numa acção notável como director de uma das grandes empresas nacionais de produção e distribuição da energia—a União Eléctrica Portuguesa. Mas se o engenheiro Paulo de Barros é uma figura que se tem afirmado, desde muito novo, no convívio das suas actividades profissionais, ocupando, há anos, a presidência da secção de Produtores de Electricidade da Associação Industrial Portuguesa e publicando trabalhos do maior interesse, a sua integração na delegação que nos representou na citada conferência do Brasil justifica-se ainda pela elaboração de uma valiosa comunicação sobre a planificação da industria eléctrica em conjugação com a planificação das restantes industrias e, sem dúvida nenhuma, pela forma brilhante como tem representado o nosso País noutras reuniões internacionais.

Bastariam, pois, estas circunstâncias para procurarmos ouvir as impressões do ilustre recém-chegado, cujas declarações se revestem ainda de outro interesse muito particular: é que o sr. engenheiro Paulo de Barros visitou agora, pela primeira vez, uma nação, em cujo amor foi educado, na mais terna e justa admiração do seu pai, um dos mais firmes obreiros da aproximação luso-brasileira: o insigne poeta João de Barros.

E foi assim que, entusiasmado ainda com a visita que tanto impressionou o seu espírito de técnico e que tanto tocou a sua sensibilidade de brasileiro nato, nos prestou o seu

(Continua na 7.ª página)

O problema da Alemanha vai ser posto pela França em bases novas

LONDRES, 2.—Espera-se que o embaixador britânico em Paris, sir Gladwyn Jebb, entregue hoje ao presidente do Conselho francês, Mendès-France, o convite britânico para uma conferência das oito nações sobre o rearmamento alemão. Aquele embaixador regressou ontem á noite a Paris de avião, depois do Gabinete de Churchill ter decidido tomar aquela iniciativa em consequência da decisão da Assembleia Nacional francesa rejeitar o Tratado da C. E. D.

A proposta britânica teve imediato apoio nas capitais ocidentais. Em Paris, foi considerada como tendo sido feita na devida altura, em virtude de vir contrabalançar a sugestão alemã para a realização de uma conferência de sete nações—isto é, deixando de fora a França—a qual foi interpretada em Paris como sendo uma reprimenda para o regime de Mendès-France.

Em Washington, uma razão importante que favorece a proposta é o facto de ser assim possível tomar conhecimento do ponto de vista alemão numa mesa de conferências, antes de se reunir a conferência da N. A. T. O. —(Reuter).

O problema alemão será posto pela França em bases novas

PARIS, 2.—Depois da rejeição do Tratado de Paris, Mendès-France e os seus colaboradores esforçam-se por tornar a pôr o problema alemão em bases novas e aproximar uma atitude geral francesa das várias propostas de origem anglo-saxónica. Ontem á noite soube-se que o Governo inglês propunha nova conferência de «Oito». Ainda se não marcou data para a reunião, mas alguns observadores prevêem que seja até ao fim do corrente mês, em Londres.

O Governo francês definirá dentro de dias a sua atitude quanto ás propostas que hoje lhe serão apresentadas pelo embaixador da Grã-Bretanha.

Entretanto, no plano do Governo, ainda não cessaram as repercussões

(Continua na ultima página)

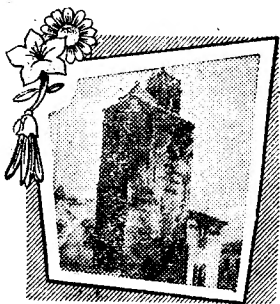
Missionários estrangeiros convidados a sair da Índia

NOVA DELHI, 2.—Sete missionários estrangeiros foram convidados a sair da Índia nos últimos cinco anos, por comportamento «inaceitável» — declarou esta manhã o ministro do Interior em resposta a uma pergunta na Câmara Baixa. São quatro Americanos, dois Italianos e um Francês.

O dr. Katju acrescentou que as medidas tomadas pelo Governo indiano consistiam em verificar as actividades dos missionários quando tidas por censuráveis, mas que o interesse público impede a divulgação dos pormenores. Como um deputado atalhasse: «Não será tempo dos missionários estrangeiros saírem da Índia?», o ministro respondeu «Não», prontamente. —(France Presse).

Os caprichos do tempo

BOLZANO, 2.—Depois da neve que caiu nestes últimos dias, surgiu, repentinamente, uma vaga de calor que atravessa, neste momento, toda a região dos Dolomitas (Alpes Dolomíticos). Em Canazei, a 1.845 metros de altitude, o termómetro marcou ontem 36 graus á sombra e 58 ao Sol. —(France Presse).



Itinerário Romântico de Portugal

Terceira Jornada — Soror Mariana — (6)

DOIS DEPOIMENTOS

acerca da Conceição

por MANUELA DE AZEVEDO

AQUI se finaliza, pois, esta jornada, com seus lances retrospectivos e de crítica puramente pessoal. Já não temos que fazer no mosteiro da Conceição. Diluiu-se na sombra do esquecimento a imagem fugidia que lá fomos evocar. Só por esforço distinguiremos as suas mãos bordando, nas horas calmas do seu longo cativeiro de setenta anos, as formosas tunicas ajustadas ás mesmas imagens que ela terá vestido e ado-

rado. Desapareceu, roída pela traça, do espólio do mosteiro, uma capa de asperges, tecida com ouro e seda, tão pesada que, no dizer de um sacerdote, cronista da Conceição—o padre Camacho—«um burro não podia com ela». Dos andores foram arrancadas muitas pedras preciosas; dos objectos do culto, as peças mais ricas e bonitas desapareceram, algumas delas com destino incerto; e, das ricas peças de porcelana e outras que foram de uso pessoal das abastadas freiras, isso então nem se fala, porque nada se encontra. As sorores e as mães viviam, nos últimos anos de reclusão, numa penúria publicamente apontada. E iam passando cá para fora, aos paren-

(Continua na 3.ª página)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Os retratos de Vila Viçosa atribuídos a Quillard

são, afinal, do pintor Duprá?

O caso vai ser investigado

Provocou vivo interesse nos meios artísticos a revelação de que o retratista de D. João V foi o pintor Duprá, conforme as investigações apresentadas nas colunas do «Diário de Lisboa» pelo distinto conservador do Palácio Nacional de Mafra, Ayres de Carvalho.

E' bem compreensível a surpresa provocada pelos artigos daquele investigador, se atentarmos na escassez de elementos nos nossos arquivos sobre o período Joanino e também sobre a «Galeria dos Duques de Bragança» do

Pago Ducal de Vila Viçosa, onde existe a mais bela representação iconográfica e artística do organismo bem como da sua família.

Mais se valorizam as afirmações de Ayres de Carvalho se conhecermos o que têm escrito os mais ilustres críticos de arte a propósito da famosa Galeria e do seu pseudo-autor, o pintor Quillard (Fascículo 53 da

(Continua na 6.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A rejeição do Tratado da C. E. D.

(Continuação da página anterior)

à pressão do seu aliado inglês, abandonava, uma após outra, as garantias políticas e militares que haviam resultado da sua vitória, transferindo para o vencido as vantagens da vitória, sacrificada pelo povo francês no altar da reconciliação com o inimigo da véspera.

Em todas as esferas francesas havia a sensação de que a França corria, novamente, o risco de reincidir nos mesmos erros e de ser vítima das mesmas ilusões como consequência da pressão dos seus aliados actuais, tal como acontecera depois de 1918. Foram, como se sabe, esses erros e essas ilusões que conduziram em linha recta, à nova catástrofe desencadeada em 1939.

Uma luta desigual

Este sobressalto da consciência nacional em França era o sintoma do regresso a uma interpretação realista dos acontecimentos, que se alimentava dos ensinamentos do passado. Mas os Franceses não tinham dúvidas de que se encontrariam isolados no momento de travarem a luta que as circunstâncias impunham. A França seria obrigada a defender os seus interesses, sozinha. Pior do que isso: teria de resistir, simultaneamente, a uma pressão formidável, pressão material e moral. Dum lado, os Estados Unidos, ameaçavam-na com o fim do auxílio económico e financeiro de que os sucessivos governos franceses haviam necessitado para sustentar a guerra da Indochina e equilibrar o seu orçamento. Do outro lado, acusavam-na de sabotar a organização da defesa ocidental e de impedir a unificação da Europa, fazendo o jogo de Moscovo.

Apear disso, a França dispôs-se a resistir, convencida de que tinha razão e de que essa atitude era a mais consentânea com a defesa dos seus interesses. Teimando em se opor à acção prevista pelos seus aliados, estava igualmente convencida de que acabaria por impedir a prática de faltas nocivas, identicas às que haviam sido praticadas trinta anos antes. Em resumo, para os Franceses tratava-se de defender, ao mesmo tempo, os seus interesses e os interesses dos outros membros da coligação a que pertence.

Dizem os leitores...

Facilidades de transito

para os médicos em serviço urgente

Com o pedido de publicação, recebemos do sr. dr. Joaquim Martins a seguinte carta:

«Muito se tem falado no novo Código da Estrada, cuja execução se anuncia para breve. Não venho fazer qualquer critica sobre os artigos versados, análise, nalguns pontos controversa, mas que dum modo geral, se apresenta de boa visão e com o sentido das realidades presentes. Como profissional de Medicina e exercendo a minha actividade em Lisboa, permito-me, com a devida vénia, chamar a atenção do legislador, sobre um pormenor que julgo, interessa a saúde publica e que seria a permissão dada aos automóveis dos médicos ou profissões afins, quando em serviços considerados urgentes—para o que se usaria de indicação apropriada—de prioridade de passagem, maior tolerancia de velocidade e autorização de parque em locais habitualmente não consentidos. Em abono da verdade se deve dizer que, dum modo geral, se verifica da parte das autoridades, a melhor boa vontade, compreensão e tolerancia em casos deste teor, mas, claro está, caído-se, pela não observancia das regras de transito, sob a alçada da lei, de cujo rigor só a boa compreensão aludida nos poderá libertar».

NINA
Apresenta
NIEVES PLAZA
Que ontem na sua estreia
obteve enorme êxito
(Para adultos)

AMOREX
ANTIZIMA
Impede instantaneamente
a acção dos enzimas causadores da cárie dentária

Havia, no entanto, que fazer uma distinção. A resistencia obstinada do Parlamento e do país não tinha correspondencia nos governos que se sucediam e que eram, na maioria, constituídos por partidários da C. E. D. Se o assunto dependesse destes ultimos, há muito que estaria resolvido favoravelmente para a causa da C. E. D. Assim, a luta travada em França contra os aliados europeus e americano, agravava-se em virtude do combate travado pelos Franceses contra o seu próprio Governo.

Entrada em cena de Mendès-France

No paroxismo dessa luta, apareceu em cena o sr. Mendès-France, com um programa novo cuja originalidade consistia precisamente em ter em conta as reacções e os sentimentos da nação e do Parlamento. Por esse facto, o sr. Mendès-France tornou-se o simbolo dum movimento de hostilidade à C. E. D., o qual implicava uma mudança profunda da politica interna da França. E' isso que explica a sua rápida popularidade e o apoio que lhe deu o Parlamento, fazendo malograr todas as tentativas para o derrubar, depois de várias outras igualmente malogradas, para impedir que ele formasse Governo.

O programa Mendès-France resumia-se em pouco. Tratava-se, antes de mais nada, de libertar a França das diversas hipotecas que pesavam sobre a vida nacional e paralisavam a sua acção. Para isso, o chefe do Governo propunha-se fazer tábua rasa do que haviam feito os seus antecessores, ignorando os seus métodos e os seus hábitos. Até então, a França deixara-se enganar pelos grandes «slogans» desprovidos de sentido pratico: «A vocação mundial da França», «A França criadora de ideias», etc. A verdade era que, por detrás desses «slogans», a França seguia pela vontade dos dirigentes de Washington e pelos créditos americanos. Os seus dirigentes limitavam-se a apresentar como iniciativas e êxitos diplomáticos da França, as decisões que lhes eram impostas de fora. A mais reveladora dessas decisões era a que dizia respeito à criação do Exército Europeu.

Uma era nova

Não há exagero na afirmação de que até à subida do sr. Mendès-France ao Poder, a França deixara de ter uma politica externa autónoma. Os dirigentes deste país não ousavam enfrentar o seu poderoso aliado de além-Atlantico. Sempre que surgia a ameaça do corte de créditos ou de uma mudança na politica americana, apavora-

vam-se e mostravam-se inclinados a fazer todas as concessões. A sua acção baseava-se na convicção de que a França estava impossibilitada de fazer uma politica franceza, isto é, uma politica condicionada pelos interesses especificamente franceses. A França, para esses dirigentes, não podia viver sem o auxilio americano. A menor manifestação de independencia, arriscava-se a perder esse auxilio o que significava que se perderia ela própria.

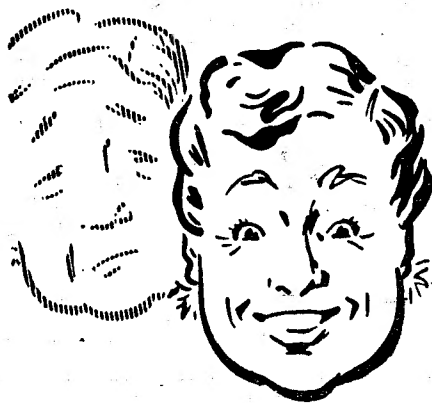
Tudo se modificou com a formação do Governo Mendès-France, iniciando-se, para a França e para a sua politica, uma nova era. O chefe desse Governo procedeu, desde o primeiro momento, ao contrario do que haviam feito os seus antecessores. O que estes receavam era para o sr. Mendès-France a condição previa do ressurgimento da França. A ideia central do chefe do Governo francês era que a França só podia recuperar a sua posição de grande potência, desde que estivesse em condições de dizer «não» aos seus poderosos aliados sempre que estivessem em jogo os interesses franceses. Ora isso era perfeitamente possível. Mas só depois disso a França ficaria em condições de resolver os seus grandes problemas que até então a haviam condenado a um estado de inferioridade e de dependencia.

A evolução duma politica

Foi na Conferência de Genebra que o sr. Mendès-France inaugurou essa nova era, liquidando a guerra da Indochina sem a colaboração e mesmo contra a vontade dos Estados Unidos. Em Bruxelas prosseguiu nessa orientação, mantendo-se na posição que inicialmente tomara e não se importando, para isso, de enfrentar a hostilidade dos dirigentes americanos. A rejeição da C. E. D. constituiu mais uma etapa logica no caminho que tem seguido, pois não devemos esquecer que esse resultado foi, em grande parte, consequência da abstenção do Governo a que preside o sr. Mendès-France.

Este continua decidido a prosseguir no seu caminho, resolvendo sucessivamente os diversos problemas que constituam o pesadelo dos Franceses sem se importar exageradamente com as reacções e as ameaças de fora, a respeito das quais não alimentava de certo ilusões, antes de se lançar no empreendimento de fazer ressurgir a França da sua apatia. Os resultados alcançados até agora mostram que esse empreendimento pode ser levado a cabo com exito e que há mais tempo poderia ter-se iniciado se os Franceses dirigentes tivessem a coragem de dizer «não» aos seus poderosos aliados.

DISPEPSIA?



As Rennie
dão-lhe
alívio
instantâneo



PASTILHAS
RENNIE

Não se deixe avassalar pela dispepsia! Ao sentir a indigestão tome 2 Rennie. Os seus componentes, dissolvidos pela saliva chegam ao estômago onde actuam, suprimindo o sofrimento.
A venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25.
Compre hoje mesmo.

FRIGORÍFICOS AMERICANOS
de real valor



DE LUTO

Francisco Fino

Faleceu o sr. Francisco Fino, de 69 anos, industrial, natural da Covilhã, pai da sr. D. Marcela Roseta Fino Bouhon e dos srs. Guy Roseta Fino, Manuel Roseta Fino e dr. Francisco José Roseta Fino, e sogro das srs. D. Mercedes Carvalho Seixas Fino e D. Gertrudes Conde Baptista Fino e do sr. Augusto Bouhon.

O funeral, a cargo da agência Barata, realiza-se amanhã, às 12 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério de Portalegre.

Mário Gomes Tomé

FIGUEIRA DA FOZ, 1. — Por telegrama recebido do Rio de Janeiro, soube-se ter falecido naquela capital, vítima de um acidente de automóvel, o caixeiro-viajante sr. Mário Gomes Tomé, solteiro, de 24 anos, filho do sr. Carlos da Cruz Tomé e da sr. D. Hermínia Gomes Tomé residentes em Buarcos, de onde são naturais.

O sr. Carlos Tomé, que há pouco regressou de Africa, onde esteve como funcionário durante 25 anos, na Companhia dos Caminhos de Ferro do Lobito, estava a preparar os passaportes para ir com a esposa ao Brasil visitar aquele e outro filho.

Anselmo Oliveira Cardoso

Em Brenha, freguesia do Norte deste concelho, sua terra natal, faleceu, vítima de uma hemorragia cerebral, o sr. Anselmo Oliveira Cardoso, de 79 anos, que foi funcionário dos Serviços Municipais desta cidade.

Muito conceituado e estimado, deixa viúva e era pai dos srs. Alvaro e Belchior de Oliveira Cardoso e da sr. D. Beatriz de Oliveira Cardoso.

Ilídio Manuel Couto

SEIXAS DO MINHO, 1. — Faleceu, na freguesia de Lanholas de onde era natural, o sr. Ilídio Manuel Couto, de 85 anos, solteiro. Ocupou vários cargos administrativos e a ele deve Lanholas os melhoramentos de que foi dotada nos ultimos 40 anos.

Deixa muitos sobrinhos, entre os quais, o sr. major António Dantas, residente em Lisboa.

EM 3 LINHAS

Foi mandado aumentar ao efectivo dos navios da Armada, e na situação de armamento normal, um draga-minas, com a designação de «Lajes», e fixa a respectiva lotação: 4 oficiais e 35 sargentos e praças do Corpo de Marinheiros da Armada.

Uma portaria do ministro do Ultramar manda publicar em todas as províncias ultramarinas, para nas mesmas ter execução, o decreto n.º 23.721, que aprova, para serem ratificadas, várias Convenções destinadas a regular certos conflitos de leis em matéria de cheques, letras e livranças.

Um decreto-lei, hoje publicado, permite ao ministro da Educação Nacional, enquanto não for reorganizado o quadro do pessoal da Academia Portuguesa da História, autorizar o contrato, com carácter eventual, de vários pessoal para prestar serviço na referida Academia.

Está aberto concurso para provimento de vagas de engenheiros civis de 3.ª classe do quadro do pessoal técnico da Junta Autónoma de Estradas.

O dr. João Francisco Nogueira da Costa foi contratado, depois de concurso, para interno graduado de clínica médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

O primeiro-tenente Arnaldo Augusto Garrido da Silva foi nomeado comandante do draga-minas «Lajes».

Vão ser reparados os estragos causados pelo temporal, no Palácio Nacional de Queluz, obra orçada em 519 contos.

GLYCOL

O IDEAL DA PELE
Produtos V. A. P. Portugal

O unico preparado que realiza a máxima beleza, dando á pele o raro encanto da mocidade. A venda nas boas casas da especialidade e principais farmácias.

Deposítários gerais:

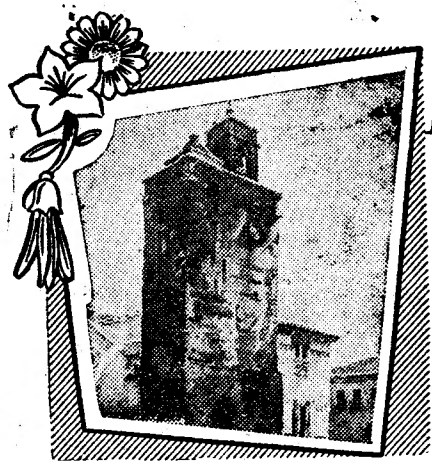
Ventura d'Almeida & Pena

Rua do Guarda-mór, 20, 3.ª E. — LISBOA
Enviamos encomendas pelo correio á cobrança. Remetemos amostras contra 5550 em selos de correio.

DEOLINDA. pedicura

participa que se encontra a partir de hoje no INSTITUTO DE BELEZA BRUNA & RENZO.

beba **SABUGA**
A MELHOR AGUA DE SINTRA



(Continuação da 1.ª página)

tes, amigos e aos médicos que lhes adogavam a velhice, as peças raras com que pagavam os favores dos mi-mos da alimentação ou do cuidado clínico.

O pecado do desamor á pedra lavrada esse cometeu-o o visconde da Ribeira Brava que, de um dia para o outro, mandou cumprir os desígnios da política local. Que tinha a extinção das ordens religiosas com a perpetuidade de um monumento de arte?

Mal se fecharam os olhos da última madre-abadessa, octogenária e pecadora—não queria que lhe diminuíssem os pecados e confessava-os com uma certa coragem...—logo apareceu a Justiça a inventariar os restos dos valores em arte, jóias e dinheiro escapados ao desbaste da pelintra. Atrás dela, estava o camarelho municipal que deitou muros abaixo, transferiu portas e janelas. Escadarias, torre, tudo veio a terra ou foi substituído. A mole solene do edifício foi amesquinhada, o monumento manuelino ficou uma caixa de fósforos. E com saúde e amor, as últimas educandas viram desabar aquela casa que foi seu lar e seu refúgio...

A última educanda da Conceição

Entre estas, lá está D. Ana Coruche da Silva Palma, sobrinha de uma das últimas sobreviventes do mosteiro. Hoje, conta 83 lindos anos e tem presente todo o seu passado. Recordar-se da visita de Luciano Cordeiro, um ano antes do convento começar a vir abaixo.

Eis como ela fala do que então se passou: —O sr. Luciano Cordeiro andou por toda a parte a tomar notas, a ver e a perguntar. Pensei que nada lhe foi negado, por parte das pessoas do convento. Mas ninguém, nessa data, sabia que tinha ali havido uma freira com o nome de Mariana Alcoforado. Madre Mariana, segundo se concluiu, há-de ter tido uma vida sem história e ouvi, só então, que morrera com sinais de predestinação. Mas isto ninguém o recordava então. Foram os livros de registo que o revelaram.

—Mas fala-se de outras freiras, umas com histórias de amor, outras de santidade...

—Na graça de santidade, só me lembro das veneráveis madres Mariana da Purificação, que foi beatificada, e cujo corpo está incorrupto, e Maria Perpétua da Luz, ainda á espera de ser beatificada. Ambas eram, porém, do convento da Esperança... Quanto ás histórias sentimentais, vieram até nós algumas começadas lá fora e abafadas dentro do mosteiro em preces ou na morte, como aquela educanda que se deitou a uma cisterna, roída de amores ultrajados...

E conta, muito a propósito:

—Quando aí esteve o sr. Luciano Cordeiro, o povo começou a inventar. Até disse que um quadro muito grande, com a bem aventurada madre Mariana da Purificação, na hora do passamento, representava madre Mariana Alcoforado...

—Mas não seria possível viver-se na Conceição, uma história de amor, como a que contam as «Cartas»?

—No meu tempo, com o mosteiro a esborçar-se e as leis da regra já muito atenuadas, seria bastante difícil. Dois séculos antes, toda a gente dizia, lá no Convento, que seria impossível... A Conceição nunca foi um salão onde cada um entrasse e saísse a seu gosto. Havia fausto, havia. Mas todo religioso.

Itinerário Romântico de Portugal

Soror Mariana

— Mas fala-se em passagens subterrâneas...
— Coisas que o povo inventa. Havia e há canalizações e esgotos romanos. Mas iam dar ás cisternas ou ás bocas de despejos...

Os disparates das «Cartas»

A sr.ª D. Ana Palma fala quase sempre de mãos cruzadas sobre o peito ressequido, num gesto que lhe ficou da oração. Tem uma viva lembrança de tudo o que era e não era o mosteiro, respondendo com desenvoltura, quando lhe perguntamos se, então, não é verdade o que Luciano Cordeiro e Manuel Ribeiro escreveram.

— Quanto a mim, as conclusões a que chegaram, através de dados certos colhidos aqui, não são verdadeiras. Ninguém andava cego no mosteiro. Eram duzentos pares de olhos sobre cada freira. Mas os srs. Luciano Cordeiro e Manuel Ribeiro concluíram tudo ao contrário do que lhes disseram...

E a sobrinha de madre Maria José Albertina Palma, conta, então:

— Estive no convento, desde os 18 meses até aos 19 anos e lá conheci o sr. Luciano Cordeiro. Nesse tempo, os rigores da clausura

lhe seria humanamente possível atravessar o claustro, os estreitos e longos corredores, subir escadas sempre alumiadas.

— Diz-se que havia uma entrada subterrânea...

— Em primeiro lugar, não devia haver. E, mesmo que houvesse, nunca podia dar para a cela de soror Mariana, num 1.º ou 2.º andar... sem chaminé nem alcapões... Por baixo, tinha um dos antigos refeitórios. Mais tarde, talvez, é que terão construído as últimas «casas». A da minha tia ficava á altura de um terceiro andar mas olhe que nem dali seria possível ver a estrada de Mértola, como se diz nas «Cartas». Estava vedada pela alta muralha e tudo, sensivelmente mais pequeno, tinha o ar que hoje tem...

— Então, a sua última palavra...

— Conforme conheci o mosteiro, nada daquilo contado nas «Cartas» se podia ter passado. O único cano que lá havia era o das cozinhas, para despejos de entulhos e, francamente, mesmo que ao tempo não tivesse essa função, como era possível que um homem andasse por ali? No Inverno, a água das canalizações dos velhos esgotos romanos e das cisternas moiriscas vinha rumorejar cá tm cima. Está a ver o risco que corria o homem que transpusesse tamanhos obstáculos.

E, com energia:

— Sabe que mais? No convento dizia-se que tudo aquilo eram invenções, para desacreditar a religião. As freiras nem gostavam que se falasse no assunto!

A sr.ª D. Ana Palma é, decididamente contra Manuel Ribeiro, contra Luciano Cordeiro e contra Boissonade. Mas não se azeda com a opinião alheia. Vai comentando os factos a rir. O seu rosto pálido parece agora uma maçã camoesa. Assim a deixamos excitada e contente, porque vai ter o retrato no jornal, e, desta vez, com a verdade saída dos seus lábios. Sempre é preciso um certo cuidado com os literatos, dados a inventar romances com freiras...

Para ela que não terá o espírito muito aberto ás razões superiores da literatura, não há outras razões mais altas: tudo se faz para desacreditar a religião. Como se não andassem por aí impressos outros dramas de amores conventuais—muito menos literários e muito mais picantes, sem que, entretanto, a religião tivesse a ver com o caso...

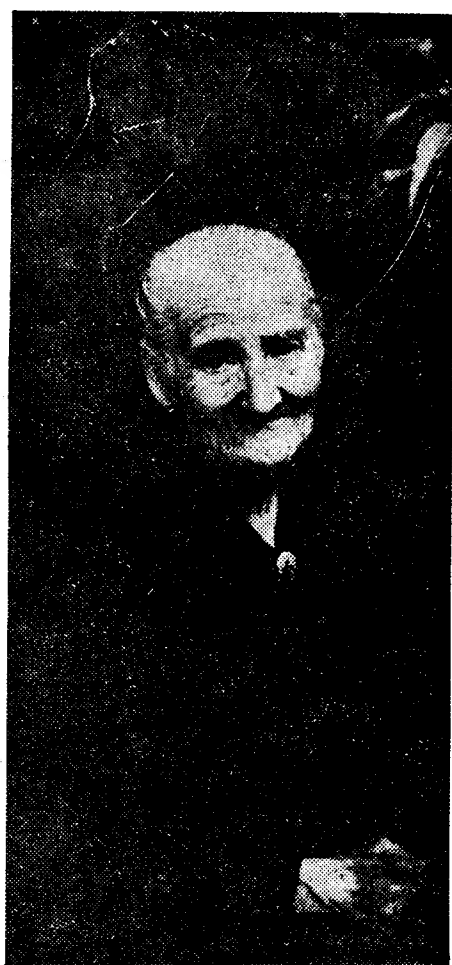
O julgamento de dois biógrafos

Podíamos deixar aqui a evocação do cenário em que viveu aquela que os romancistas querem que tenha morrido de amor aos oitenta e dois anos —cerca de sessenta depois de ter amado. Mas, a par deste testemunho, vivo, realístico—embora sectário—quise-mos trazer ao leitor a opinião de um estudioso da arqueologia, o sr. Abel Viana, dado a desvendar os segredos dos monumentos do Alentejo. Os seus trabalhos chegaram ao estrangeiro e ás universidades portuguesas.

Nunca se deu a escrever sobre as relações entre as «Cartas», a freira e o convento da Conceição. Mas está com Rousseau, não só porque crê que «Lettres Portugaises» foram escritas por um homem, mas porque sabe que nenhum homem é capaz de conquistar uma mulher ao lado de outra mulher... a não ser que a entretinha com outro homem...

E, se é certo que a coincidência dos nomes da terra e das pessoas pode surpreender—diante da realidade, o sr. Abel Viana comenta:

—Nessa data, estiveram em Portugal muitos franceses e as «Cartas» não dão o nome de nenhum. Por outro lado, não acredito nas conclusões a que chegaram Luciano Cordeiro e Manuel Ribeiro. O facto de se provar que houve nessa data uma freira de nome Mariana—em Beja havia três na Conceição e uma também Alcoforado, na Esperança—não significa que alguma delas tenha vivido este romance de



D. Ana Coruche da Silva Palma última sobrevivente da Conceição

amor barato. Alguém se aproveitou da sua contemporaneidade e teceu o romance.

—Manuel Ribeiro tão dado a acreditar no «escândalo», diz que o irmão de Mariana cedeu dois criados a Chamilly que seguiram com este para França...

—Isso é fantasia do romancista que inventou a alcunha de «Dom Possimando» para o pai de Mariana e não conseguiu provar a presença de Chamilly em Beja ou no Algarve, onde, segundo dizem as «Cartas», naufragou. Nada está documentado acerca das missivas que a freira diz ter recebido de França. Mas oíhe que, neste ponto, Teixeira de Pascoais também deixou as suas culpas no cartório. E quanto a Raul Brandão, isso então nem se fala, pois se deu a tecer romances, sobre ideias feitas...

—Portanto, o trabalho de Manuel Ribeiro...

—De começo, lê-se com interesse. Parece que se está em presença de séria investigação. Depois, o autor seduzido pela versão de autenticidade das «Cartas», põe-se a interpretar os textos ao contrário, a fazer romance, a inventar diálogos. Pode ter feito um trabalho de imaginação muito interessante mas nunca uma obra séria de investigação. Foi isto mesmo o que eu disse a Mário Beirão, que o acompanhou nas suas buscas em Beja. E quando lhe perguntei que papéis havia encontrado, que o autorizassem a uma conclusão tão descabida, o poeta de «Ausente» confessou-me que nenhuns tinha achado, pelo menos com o seu conhecimento...

Depois, Abel Viana, a rir, vai comentando:

—No ponto a que as coisas chegaram, já me lembrou atribuir a Mariana Alcoforado uma maxila que encontrei no claustro. Pertenceu a uma freira velha, muito velha e desdentada.

Um «Romeu» de canos de esgoto...

—Não há, pois, em Beja um retrato de Chamilly?

—Se ele nunca cá deve ter estado! Repare que, acerca de Mariana, sabe-se apenas que foi baptizada em fins de Abril de 1640, que aos 22 anos havia professado, que foi escritora, vice-abadessa e duas vezes proposta abadessa, e que, enfim, morreu aos 82, com cheiro de predestinação...

—Manuel Ribeiro diz que houve na Rua do Infante uma casa onde Chamilly se instalou...

—Fantasia que nem sequer se apoia na tradição oral. Aliás, insisto: se Beja não entrou nas lutas dessa época, que podia vir cá fazer um francês da posição de Chamilly? Daqui saíam soldados, é verdade... Mas o que mais saía ainda era trigo de contrabando... até para os Espanhóis, levado pelos padres, pois, então!

—Como arqueólogo, há-de saber se, de facto, existiam caminhos subterrâneos que levassem ao convento e servissem, para Chamilly lá chegar...

—Efectivamente, sei de maneira absoluta que

(Continua na 13.ª página)



Colégio Visconde de Castelões

Estrada das Amoreiras, 4 (á Av. João XXI)

Telefone 778846 — LISBOA

Internato—Semi-internato—Externato (Sexo masculino)

Cursos: Primário e Admissão — Liceal — Comercial

Aulas diurnas e nocturnas

Estão abertas as matriculas

Caspa, não!

PANTÈNE

Cabelos mais abundantes



SABUGA
ÁGUA DE SINTRA

A PRIMEIRA VITIMA DO DIABO

O PORTO pelo telefone

Os novos horários para almoço

PORTO, 2.—O novo horário estabelecido pela Câmara, a título experimental, do encerramento de alguns estabelecimentos em horas diferentes para almoço, parece, dar bons resultados. Assim, desapareceu ao meio-dia aquela tremenda aglomeração de público a tomar de assalto os «eléctricos» que saem da Praça da Liberdade para os pontos mais afastados e que seguíam sempre superlotados.

Tudo indica, pois, que o novo horário passe da experiência à efectividade, antes mesmo do período que para tal foi estabelecido pela municipalidade.

Prisão de três burlonas

Pelos soldados n.º 66 e 143 do posto da G. N. R. dos Carvalhos, em Gaia, foram presas Maria Catarina, Maria Joaquina e Maximinita Monto, vendedoras ambulantes, todas residentes em Gaia, no momento em que pretendiam burlar o sr. Joaquim Pereira de Sousa, de Pedroso, ao qual prometiam «curar» um seu filho que se encontra há muito tempo doente.

O processo, empregado pelas curandeiras para apanhar o dinheiro a Joaquim de Sousa era original, pois este tinha de meter certa quantia em dinheiro dentro duma salgaadeira, donde depois elas o retirariam. No passado dia 29, ainda conseguiram levar ao pobre homem a quantia de quinhentos escudos. Ontem, porém, foram menos felizes, pois, quando se preparavam para subtrair mais dois mil escudos, foram presas em flagrante. As três burlonas, juntamente com o processo, foram remetidas à Polícia Judiciária.

Homenagem a um sargento atingido pelo limite de idade

Promovido pelos seus camaradas, realizou-se hoje um almoço de homenagem ao sargento José Maria Nascimento, que atingiu o limite de idade com mais de quarenta anos de serviço.

Pelas 12 e 30, reuniram-se na messe cerca de sessenta sargentos actuais e antigos companheiros do homenageado que foi combatente durante a guerra de 1914-1918 e possui medalhas da Vitória e de ouro de bom comportamento.

Em nome da corporação dos sargentos, falou o sr. sargento-ajudante Barreto, da Arma de Engenharia, adido do Batalhão de Telegrafistas e outros que saudaram e destacaram as qualidades de camaradagem, de carácter e de militar do sargento Nascimento, que, no final agradeceu a homenagem.

Depois, foi entregue ao sargento Nascimento uma pasta contendo uma saudação assinada por todos os presentes. Às 14 horas, nova e significativa homenagem foi prestada àquele servidor do Exército, com a entrega de uma lembrança—uma «salva» de prata—oferta do comando e oficiais do Batalhão de Telegrafistas.

PARA OS NOSSOS POBRES

Com destino aos pobres nossos protegidos, recebemos e agradecemos 40\$00, do sr. Silvino Rocha Aragão.

Ainda para os nossos pobres, recebemos 20\$00, em memória do saudoso empresário Ricardo Covões, que nos foram remetidos, como sempre, por C. F. S.

Restaurante Típico

MARCIA CONDESSA

PARA ADULTOS

Praça da Alegria, 38

HOJE - Noite de Fado castiço

com a colaboração gentil do popular fadista FILIPE PINTO e uma parada de Novos do Fado.

A'S O HORAS IMPONENTE DESGARRADA

Depois duma corrida de Toiros... só uma boa sessão de Fados.



HOJE. A'S 22 H.

FINALMENTE

O maior duelo da época entre os dois maiores matadores portugueses

DIAMANTINO VISEU e FRANCISCO MENDES

Qual será o vencedor?

Os senhores espectadores o dirão
8 TOIROS PUROS (Casta espanhola da acreditada ganaderia do EX.º SR. FAUSTINO DA GAMA)Cavaleiros: Mestre JOÃO BRANCO NUNCIO
que dará a alternativa a

GASTON SANTOS

DR. FERNANDO SALGUEIRO

um artista querido do publico

Grupo de Forcados Amadores de Santarém chefiados pelo

EX.º SR. RICARDO RHODES SÉRGIO

A venda de bilhetes continua aberta na Bilheteira da Praça dos Restauradores, 7, tel. 21712, até às 21 horas de hoje. As bilheteiras da Praça, abrem às 20 horas, para venda dos restantes bilhetes (Para maiores de 13 anos)

DESPORTOS

FUTEBOL

Taça «Juvenal Santos»

No campo do Lumiar, realizou-se hoje um desafio de futebol, amigável, entre duas equipas constituídas pelo pessoal do cinema Politeama, para disputa de uma taça a que foi dado o nome do empresário da mesma casa de espectáculos, sr. Juvenal Santos.

Após o encontro, que decorreu em ambiente de comunicativa alegria, seguiu-se um almoço de confraternização entre todos os empregados do Politeama e os seus patrões, srs. Juvenal Santos e Manuel Maria Junior.

AUTOMOBILISMO

O IV Puzze-Estóril

Na sede do Automóvel Clube de Portugal e na Secretaria do Casino Estóril, está aberta a inscrição para o IV Puzze-Estóril, uma iniciativa da Sociedade Propaganda da Costa do Sol, com a colaboração técnica do A. C. P. Esta interessante prova automobilística realiza-se na tarde de sábado, 11 do corrente. Os regulamentos e os esquemas das provas de estrada e complementar distribuem-se nos locais das inscrições.

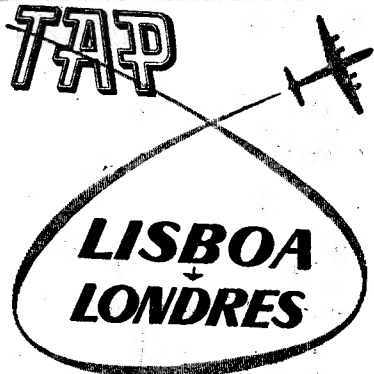
CICLISMO

1.º Circuito de Grandola

Disputa-se no próximo dia 26 o 1.º Circuito de Grandola. A corrida será disputada num percurso de 100 quilómetros, dividido em 40 voltas, e é da organização do Clube Desportivo Grandolense, tendo-o patrocinado a Câmara Municipal, a qual oferece uma das taças a disputar pelas equipas.

O Circuito de Grandola será disputado por equipas de três corredores (só contam os dois primeiros para a classificação).

Pelas características do percurso e pela presença dos melhores estradistas nacionais, tudo leva a crer que o 1.º Circuito Ciclista de Grandola constitua um verdadeiro êxito, dado o entusiasmo que lava em toda esta região.



QUINTAS-FEIRAS

LUANDA

Ida Esc. 9.831\$10

Ida e Volta... .. Esc. 17.552\$00

LOURENÇO MARQUES

Ida Esc. 12.117\$70

Ida e Volta Esc. 21.667\$90

(INCLUINDO TODOS OS IMPOSTOS)

PESCA DESPORTIVA

O IV concurso de Lagos

No bocado da costa portuguesa entre Lagos e a foz da Ribeira da Carrapateira alternam praias e arribas. A Norte do Cabo de S. Vicente escarpa alta e o areal da Carrapateira. Aqui e em Sagres encontram-se os melhores pesqueiros da costa portuguesa, quer pela variedade de espécies que abundam, quer pela qualidade dos exemplares.

O numero de pesqueiros é enorme e, por isso, a maior parte está pouco pescada.

Estas condições conjuraram-se para que tenham sido, realmente, sensacionais os resultados dos Concursos de Pesca que, há três anos, nas proximidades de 15 de Setembro, quando se registam as maiores marés anuais, o Clube de Vela de Lagos, vem realizando.

E o seu êxito justificou que fosse dada projecção internacional ao IV Grande Concurso de Pesca Desportiva de Mar no Algarve (área livre), a realizar no dia 19 de Setembro de 1954.

A inscrição está aberta para todos os pescadores representando clubes inscritos nas Associações Regionais de Pesca Desportiva Portuguesas ou nas suas congéneres estrangeiras, limitando-se a 500 o numero de concorrentes.

O Clube organizador, na intenção de abrir fronteiras a um desporto que tem hoje milhões de adeptos em todo o Mundo e de dar a conhecer os privilégios dos pesqueiros em que se realiza o concurso, custeará o alojamento dos concorrentes estrangeiros, a título excepcional por ser a primeira destas provas de carácter internacional.

O concurso será disputado por equipas de três elementos e individualmente e haverá muitas dezenas de taças a premiar os clubes e concorrentes que mais se distinguirem.

Homenagem de despedida

ao capitão do porto da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 1.—Tendo terminado a sua comissão de serviço, de 5 anos, como capitão do porto desta cidade, vai regressar ao Ministério da Marinha, a fim de frequentar o Curso Naval de Guerra, o capitão-tenente sr. João Carlos Gomes da Trindade, que no exercício das suas funções se tornou credor da consideração e estima dos figueirense.

Por tal motivo, um grupo de amigos e admiradores, querendo testemunhar-lhe o seu apreço, vai oferecer-lhe um almoço de despedida iniciativa que conquistou logo o maior interesse e tomou a maior amplitude. Já se encontram inscritas as autoridades civis e militares e eclesiásticas, representantes dos organismos marítimos, empresas de pesca e muitas outras individualidades.

O almoço realiza-se no próximo dia 12, no restaurante da Piscina-Praia e a inscrição encontra-se aberta na Tabacaria Africana.

MERCADOS REGIONAIS

À Senhora da Piedade em Odemira

ODEMIRA, 1. — Realizam-se nesta vila, nos dias 7 e 8 do corrente, os tradicionais festejos a Nossa Senhora da Piedade, padroeira desta vila, que constam de bode a 100 pobres, missa, procissão, arraial, quermesse, fogos de artifício e concertos musicais pela Filarmónica Marçal Pacheco, de Loulé.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Estão indicados para o desempenho das figuras masculinas da comédia musicada «irmã S. Sulpício», que dentro de alguns dias começa a ensaiar-se no Teatro Apolo, os seguintes actores: Alves da Cunha, Curado Ribeiro, Pereira Saraiva, Carlos Coelho, Reginaldo Duarte, Raul Solnado e Celestino Ribeiro.

O actor Rafael de Oliveira, empresário do Teatro Desmontável, que habitualmente apresenta os seus espectáculos na Província, pensa apresentá-los em Lisboa, com a montagem do seu teatro em alguns bairros da cidade.

Segue amanhã para Arcos de Valdevez, onde vai dar dois espectáculos, o Teatro do Povo.

Fon contratado para actuar na revista «Mulheres há muitas», em ensaios no Teatro Variedades, o «ballet» de Mariano Franco, que por esse motivo desistiu de seguir para o Norte de África.

A artista espanhola Josita Tenor está a participar dos ensaios da nova revista «Viva o homem».

Com a demora de alguns dias, esteve no Porto o actor Ribeiro, que hoje deve regressar a Lisboa.

Vinda de África, chega amanhã no paquete «Império» a companhia de operetas e revistas do empresário Giuseppe Bastos.

O maestro compositor Carlos Dias é o director musical da companhia de revistas do Teatro Variedades.

No desempenho da comédia que vai entrar em ensaios no Teatro Apolo, não participa a actriz Leônia Mendes.

Na próxima segunda-feira, começam os ensaios da nova revista «Como é o tempo!».

Acompanhado de sua esposa, a actriz-cantora Mimi Gaspar, chega amanhã a Lisboa, o tenor Tomé de Barros Querós. Ambos faziam parte da companhia de Giuseppe Bastos, que regressa da sua «tournée» ao Ultramar.

Primeiras exhibições

«A grande noite de Casanova», no Império

Quem poderá resistir à comicidade de Bob Hope, principalmente ele, no seu jeito pessoal de mostrar-se poltrão, é obrigado a encarnar a figura varonil e aventureira de Casanova? A resposta está nas francas gargalhadas com que os espectadores do Império sublinharam, ontem, a estreia de «A grande noite de Casanova».

E, para aqueles a quem o humorismo só não basta, aquela película tem a virtude de mostrar luxuosos ambientes, numa reconstituição da romantica Veneza dos Doges, onde se desenrola toda a acção.

Ao lado de Bob Hope, aparecem Joan Fontaine, Basil Rathbone, Audrey Dalton e John Carradine.

Completem a sessão três filmes curtos, dos quais dois são jornais de actualidades. — V. ser 24.

As estreias de hoje

No São Jorge

Título—«A Oeste de Zanzibar»
Firma produtora—«Arthur Rank»
Principais intérpretes—Sheila Sim, Anthony Steel e Orlando Martins (português)
Argumento—Uma perigosa aventura que decorre inteiramente nas inóspitas regiões de África.

Classificação—Para maiores de 13 anos

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

CONTINUA EM PLENO SUCESSO

NUNCA UM ESPECTÁCULO FOI TÃO DO AGRAÇO DA POPULAÇÃO COMO O QUE SE APRESENTA TODAS AS NOITES EM PALHAVA

TODOS SE DIVERTEM E SAEM SATISFEITOS

COM VONTADE DE VOLTAR

AMANHÃ NOITE DOS MILIONÁRIOS

COMEMORATIVA DA ENTRADA NA FEIRA DE DOIS MILHÕES DE VISITANTES

15.000 sobrescritos—surpresas com entrada para os divertimentos, para jantares, chocolates, farturas, bebidas, dinheiro, etc., etc., etc.

O Senhor Milionário com 1 conto e 500;

A Senhora Milionária com 1 conto de réis e o Menino Milionário com 500 escudos para quem os encontrar, e muitas, muitas mais surpresas.

LAURA

PEDICURE

Novamente no
CABELEIREIRO NOGUEIRA — LUIGI, L.DA

Rua Nova do Almada, 36, 1.º

Telef. 29064 - 28465

AMANHÃ, no
CINEMA
MONUMENTAL

4 HISTÓRIAS SIMPLES, MAS
VERDADEIRAS, CONTADAS PE-
LAS PERSONAGENS QUE AS VI-
VERAM NA VIDA REAL



Ingrid Bergman

DIRIGIDA POR
Roberto Rossellini



Isa Miranda

DIRIGIDA POR
Luigi Zampa

4 Grandes artistas
Grandes real zadores
Impressionantes confidências...
NOI DONNE
UM FILME QUE É
UM ACTO DE SINCERIDADE



Alida Valli

DIRIGIDA POR
Gianni Franciolini

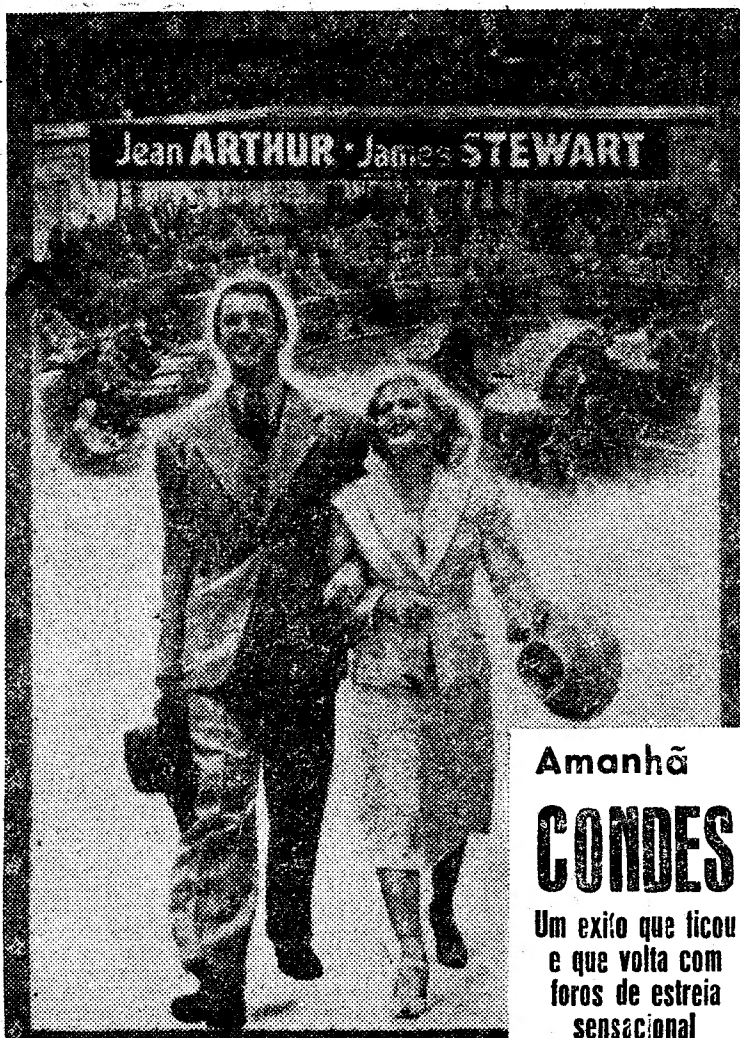


Anna Magnani

DIRIGIDA POR
Luchino Visconti

NÓS, MULHERES...

Exclusivo SONORO FILME
13 ANOS



Amanhã
CONDES

Um êxito que ficou
e que volta com
foros de estreia
sensacional

PEÇO A PALAVRA

A comédia genial de FRANK CAPRA que é um
admirável espectáculo do POVO e das ELITES
EXCLUSIVO CASTELO LOPES (MAIORES DE 13 ANOS)

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: «A OESTE DE ZANZIBAR» SÃO JORGE

IVOL
TEL. 50595
A's 3 e 6,15 da
tarde (a prec.
red.) e 9.30 da
noite

Jean Gabin
e Silvana Pampanini
no admirável filme
italiano
TEMPESTE
(Para maiores 18 anos)

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153
(Para 13 anos)
com Anthony e Sheila Lim

Hoje—Estreia—às 21.30
O filme de raro encan-
to, decorrido inteiramente
nas regiões da selva
africana.
**«A OESTE
DE ZANZIBAR»**
em technicolor
com Anthony e Sheila Lim

IMPERIO
PLATEIA 55134
BALCÕES 55135
(Maiores 18 anos)

A's 15.15 e 21.30
**A GRANDE NOITE
DE CASANOVA**
Uma comédia engraça-
díssima com o extraor-
dinário elenco Bob Hope,
Joan Fontaine, Basil
Rathbone

**ODEON
PALÁCIO**
Tel. 26283 — 47163
Soirée às 21.30
(Para adultos)

Um êxito extraordinário
PARAISO ROUBADO
A odisséia de duas al-
mas vivendo no sublime
inferno de uma paixão
louca... com Arturo de
Córdova e Irasema Dillan

MONUMENTAL
TEL. 55131
Um trepidante romance de uma época de lutas,
gaalanteios e aventuras!
— Maiores de 13 anos —

A's 21.30
Última noite do grande
êxito da semana com
Frank Latimore
A FIO DE ESPADA

TERRAÇO
TEL. 20917
A's 21,15

A FURIA DO DESEJO
A ÚLTIMA AMEAÇA
(Para 18 anos)

EDEN
TEL. 20768

15.30 — 18.30 — 21.30
2.ª SEMANA
Últimos espectáculos do
excepcional filme
A INIMIGA
Três dramas vividos numa acção empolgante
(Para maiores de 13 anos)

CONDES
TEL. 22523
15.15-18.15 e 21.30
(Para adultos)
dos bastidores da tauromaquia, com Mel Fer-
rer e Miroslava

O grande espectáculo de
emoção e bravura
**SANGUE
NA ARENA**
A vida real e emotiva
dos bastidores da tauromaquia, com Mel Fer-
rer e Miroslava

CAPITÓLIO
TEL. 27493

A's 21.30
A preços reduzidos
O alegre espectáculo mu-
sical c/ Sonja Ziemann
NÃO POSSO CASAR COM TODOS
E FRA DIÁVOLO C/ A. NAZZARI
— 13 ANOS —

TERRAÇO — A's 21.30 — Preços reduzidos
O drama de forte realismo
«POR DETRÁS DAS GRADES
E NÓS OS DOIS SÓS C/ W. CHIARI
— 18 ANOS —

**PAVILHÃO
PORTUGUÊS**
PARQUE MAYER
Preços populares
(Maiores 18 anos)

Cinema ao ar livre
A's 21,15
SEM CONSCIÊNCIA
com Humphrey Bogart
**RECORDAÇÕES
DE O N T E M**
(col.)
com Dennis Morgan

CASINO ESTORIL
TEL. 730—EST.
A's 21.30

TORRE DE CRISTAL
com Vittorio Gassman
(maiores de 13 anos)

VEM AI... O 5.º FILME DA SÉRIE
**O cinema e o coração
da mulher**
UM GRANDE ÊXITO DA AMO-
ROSA Nº 1 DO CINEMA
**MARIA
SCHELL**



**DIARIO DUMA
MULHER
APAIXONADA**

O LOUCO CAPRICHIO DE UM
CORACÃO TEMERÁRIO

Um homem que atraíção uma mu-
lher... é um caso vulgar. Mas
quando uma mulher tem a cora-
gem de abandonar o marido, só
encontro uma palavra: Imorali-
dade!

—ISTO DIZ ELE.

O DIÁRIO DUMA MULHER APAI-
XONADA
É UM FILME PARA ADULTOS

A PARTIR DE AMANHÃ NO

EDEN

HOJE:
ULTIMOS ESPECTACULOS
A INIMIGA
— PARA MAIORES DE 13 ANOS —



CASINO ESTORIL

EPOCA DE VERAÓ todas as noites
**Programa de atracções
internacionais**

no Salão-Restaurante às 23.45
no Wonder Bar ou Yacht Club à 1.30
CONDIÇÕES DE ACESSO: aos sábados
no Salão-Restaurante a opção do cliente:
só entrada, Esc. 25500, ou entrada com
direito a consumo até 40500 (incluindo ta-
xas), Esc. 40500. Nos restantes dias: no
Salão-Restaurante a opção do cliente: só
entrada, Esc. 20500, ou entrada com di-
reito a consumo até 30500 (incluindo ta-
xas), Esc. 30500.
Aos domingos (Com atracções) Chá
completo Esc. 20500.

MONUMENTAL

A's 21,45 — (Maiores de 18 anos)
LAURA ALVES—VASCO SANTANA
No espectáculo de gargalhada

PERDEU-SE UM MARIDO

original de M. F. Pressler
UM ESPECTACULO DE V. MORGADO

Os retratos de Vila Viçosa

(Continuação da 1.ª página)



O Duque D. Pedro, por Duprà (Paço Ducal de Vila Viçosa)



O Duque de Aosta, por Duprà, da Galeria de Turim



O Duque D. João, por Duprà, existente em Vila Viçosa



Princesa Maria Ana Carlota, por Duprà, existente no Palácio de Riofrio, Espanha

«História da Arte em Portugal», do prof. Doutor Reynaldo dos Santos).

Sem um único documento que o comprove, a não ser a «atribuição» infundada, arbitrária e fantasista de alguns escritores do sec. XIX (A. A. Cabral — J. J. da Rocha Espanca — Conde de Arnoso), a nossa crítica tem sido unânime em atribuir ao pintor francês Quillard os famosos retratos de Vila Viçosa, o que Ayres de Carvalho contradiz, baseado em vários documentos, como sendo da autoria de Domenico Duprà.

Após o «escândalo do Louvre», o lugar de Quillard na arte francesa, como secundário e modesto «suiveur» e «pasticheur» do incomparável Watteau, das «Fêtes galantes», ficou bem definido pela crítica séria e desapassionada do tempo.

Hoje, Ayres de Carvalho levanta outro momentoso problema da arte de setecentos: o caso «Duprà-Quillard», prometendo-nos num próximo artigo uma análise inédita, sobre a vida e obras de Quillard.

Sabemos que a «prestimosa «Fundação da Casa de Bragança», da ilustre presidência do dr. António Luís Gomes, cuja magnífica obra de valorização, restauro e divulgação do precioso património do Paço Ducal de Vila Viçosa não tem confronto sendo de sobejo conhecida e devidamente apreciada, pensa, em mandar examinar os famosos retratos dos Duques de Bragança, a fim de se apurar, se for possível, qual é o seu autor.

Diz-nos Ayres de Carvalho que não é provável que os retratos estejam assinados, mas, se por acaso alguma assinatura existe só poderá ser a de «Duprà» e nunca a de «Quillard».

Certamente uma douta comissão de peritos e académicos, vai ser convidada a pronunciarse sobre tão interessante problema de Arte.

Aguardamos, pois, a tão feliz iniciativa da «Fundação da Casa de Bragança», esperando confiadamente, que se não, aparecer nenhuma assinatura, se procure outro meio não menos conclusivo de investigação: o da comparação dos retratos existentes na Casa Tarouca — identificados pelo insuspeito Vieira Lusitano, ou, em caso de dúvida, o do príncipe D. José, no Palácio do Oriente, e o de D. Maria Bárbara no Museu do Prado, ambos devidamente autenticados.

Mas Ayres de Carvalho, que já identificou os retratos mais importantes, da Galeria do Paço Ducal, de Vila Viçosa, e muitas outras obras de Duprà, em Madrid, Roma, Nápoles e Turim, não quer agora apresentar, como prometera, o famoso retratista dos Infantes — meninos das Casas de Bragança e Saboia.

Considera Ayres de Carvalho, que uma das obras-primas dos príncipes de Duprà é o retrato póstumo do pequenino duque D. João (1688), irmão mais velho de D. João V, o qual apenas viveu dois meses, existente em Vila Viçosa. De tal maneira ele tem impressionado os «escritores indocumentados» do sec. XIX, que o Conde de Arnoso, chega a escrever esta «barbaridade»: «O retrato do pequenino duque D. João passa mesmo por ser de Van Dyck, tal é o primor da sua execução...», não sem ter dito previamente, que «os retratos atribuem-se ao pintor francês Quillard (António) ou Quienhard, que em Portugal esteve ao serviço do faustoso rei».

E' esta a lenda artística que nos legaram os «românticos» e que parece ser ainda da predilecção de alguns dos críticos d'Arte do nosso tempo.

Supõe Ayres de Carvalho que para algumas das representações póstumas de Vila Viçosa, a exemplo do sumptuoso retrato do duque D. João, tenha encontrado Duprà o modelo mais «parecido» num dos filhos de D. João V: o infante D. Alexandre (1723-1728). Na sua alcova principesca o pequeno Duque é retratado por Duprà, cheio de vida, de expressão, envolvido em damascos e veludos, e recostado numa preciosa cama setecentista.

Todo o conjunto decorativo caracteristicamente italiano, é duma originalidade de composição sem precedentes nos anais da nossa Arte do tempo. Só uma síntese da visão dos grandes flamengos e italianos, valorizada pelo requinte do «saboiano» Duprà, poderia produzir tal obra-prima de equilíbrio, de cor e de graciosidade.

Sente-se a familiaridade de Duprà nos aposentos do príncipe «bambino». Ao pintá-lo envolveu-o num ambiente de graça imortal fixando delicados pormenores.

Foram auspiciosos o nascimento e o baptizado do infante «D. Alexandre», modelo de Duprà. O rei de Espanha Filipe V, seu padrinho deu-lhe de presente «hum barrete com hum broche de valor, e outras joyas de preço para a Dama, e mais criadas que assistem a Sua Alteza». Se D. Alexandre amava as crianças, gostava também de animais com os quais quase sempre «acompa» os seus retratos, acentuando-se aquela tendência no período de retratista régio da Corte de Saboia.

Para imaginarmos quantos modelos régios teve Duprà, muitas vezes de colaboração com seu irmão «Giuseppe», para os acessórios, basta que se saiba que o rei de Saboia, Carlo Emanuele III, teve pelo menos dez netos que nasceram de 1751 a 1766, sempre retratados nas várias fases de «bambino».

Da preciosa colecção fotográfica do rei Humberto de Itália e de réplicas existentes nos palácios de Espanha, apresenta-nos Ayres de Carvalho como documentos de comparação da maneira e estilo de Duprà, os retratos dos príncipes Carlo-Felice (n.º 1765) e Maria Anna Carlota (n.º 1757).

Ainda em Vila Viçosa, e ao lado de sua irmã a princesa D. Maria Bárbara, surge-nos o delicado retrato póstumo do Duque D. Pedro (1712-1714), outro filho de el-rei D. João V que morreu com dois anos.

Por 1720, tinha o irmão, o infante D. Pedro (n.º 1717) depois D. Pedro III, casado com sua sobrinha a rainha D. Maria I, três anos incompletos... Só uma figurinha «real» poderia servir de modelo a Duprà. Supõe o investigador que o príncipe teria pousado por alturas de 1720, ao lado da irmã Maria Bárbara, de 9 anos. E' muito gracioso o conjunto formado pelos dois filhos de D. João V. Ela com um ar protector segurando pela mão o irmãozinho irrequieto, mal sentado num grande cadeirão de braços, sorridente e «ataviado á alemã»; ela reflectindo certa doçura e melancolia no olhar, que se nota também no retrato de 1725. Adivinha-se que posaram em conjunto e que o pintor pôs na interpretação o melhor da sua ternura.

Foi, sem dúvida, em Portugal que Duprà se começou a «especializar» em retratos de crianças, o que é bem evidente na Galeria de Vila Viçosa. Estão ali D. José (10 anos), Maria Bárbara (9 anos), D. Pedro (2 anos) e D. João (não com 2 meses, mas mais de 1 ano).

Difícil, porém, seria reconhecer as suas excepcionais qualidades como retratista de crianças, se não apreciássemos ao mesmo tempo a vastíssima obra que deixou na Saboia. Assim, para confronto com o retrato do pequenino D. Pedro, diz-nos Ayres de Carvalho que preciosíssimos retratos de Vittorio Emanuele I (Duque d'Aosta — n.º 1759) de Cristina Maria n.º 1760) e de Maria Carolina (n.º 1764), bem dignos de figurarem nas magníficas galerias reais de Turim, Milão, Roma e Madrid, não são menos preciosos que os do Paço Ducal, de Vila Viçosa...

O distinto conservador cita ainda os magníficos retratos equestres de Carlo Emanuele III, as variadíssimas interpretações de Vittorio Amedeo e Maria Antónia Fernanda (irmã de Mariana Victória) e ainda a preciosa colecção de retratos do príncipe Carlo Emanuele IV, de Giuseffina e tantos outros, embora não se encontrem em Portugal.

Há um documento italiano do punho de um artista contemporâneo de Duprà, que é bem oportuno revelar agora que se vão apear — certamente para confirmação do que Ayres de Carvalho tem dito no nosso jornal: — «Duprà esteve em Roma vinte e nove anos... Depois veio para a Corte de Portugal e o Rei deu-lhe o título de «pintor da Sua Corte»...».

E' curioso acentuar que os melhores críticos italianos não deram crédito a este documento, pela simples razão de «Rackinsky ter desconhecido Duprà»... em Portugal. Mas, afinal, outros melhores se esqueceram de o citar, como Guarienti e Cirilo, apesar de proveitosas lições ter dado como magnífico retratista, a muitos portugueses e até a franceses como o «jovem Quillard»!

Por documentos dos arquivos paroquiais de Turim, diz-nos o conservador de Mafra que Giorgio Domenico Duprà faleceu em «22 de Fevereiro de 1770, com cerca de 81 anos», tendo sido sepultado, com todas as honras, devidas á sua qualidade de pintor da Corte de Saboia, na «Regia Cappella», de Carlo Emanuele III.

Um ano depois, em 3 de Novembro de 1771 faleceu a esposa, a portuguesa «Gervasia Maria Rodriguez, de 65 anos», que acompanhou Duprà em toda a sua tumultuosa e brilhante carreira artística.

Famoso «retratista regio» em Portugal, durante 12 anos, facto até agora ignorado na história da arte portuguesa, célebre em Roma na corte pontifícia, terminou a carreira, em Turim, como excepcional retratista de «príncipi-bambini» e ao serviço da corte de Saboia.

Bem merece o nome de Duprà figurar de ora em diante, em letras de ouro na História de Portugal, de Setecentos como famoso «retratista», em vez de Quillard, «un raté, un fruit sec des concours de l'Académie», como muito bem o classificou Louis Réan em 1933.



Princesa Cristina Maria, por Duprà, da Galeria de Turim



Princesa Maria Carolina, por Duprà (Turim)



Príncipe Carlo Felice, por Duprà (Turim)



HOJE — QUINTA-FEIRA 2

No «RESTAURANTE», às 23,45

e no «WONDER-BAR ou

«YACHT - CLUB», á 1,30

O NOVO «FLOOR-SHOW» com LILI BONTEMPS

cantora fantesista

ROSITA et LAMAR

coreografia «excentrica»

• • «BALLET TATCHAGINA»

Orquestra **ALMEIDA CRUZ** * Conjuntos **MARIO SIMÕES** e Blue Star * O pianista-solista **ANDRADE SANTOS**

JANTARES — CEIAS — BAILE (Para adultos)

Amanhã

ESTREIA da atracção internacional **HARRY POOL** (O Rei da mímica)

Leiam o «SEMPRE FIXE»

QUÍNDIO O ENG. PAULO DE BARROS

O aproveitamento dos recursos do Brasil e o deslumbrante espectáculo que a Natureza oferece

(Continuação da 1.ª página)

depoimento como participante na Conferência Mundial de Energia, como técnico, como turista e como português, acentuando não ter a pretensão de emitir ideias definitivas, dada a escassez da sua permanência no Brasil.

Depois de nos explicar que a Conferência Mundial de Energia é um organismo que se dedica ao estudo de todos os problemas relacionados com o aproveitamento da energia, seja de que origem for—combustíveis, águas dos rios, mares, ventos, sol, etc.—disse-nos que a reunião, que decorreu no Rio de Janeiro de 25 de Julho a 1 de Agosto e a que se seguiram dez dias de proveitosas excursões, teve carácter parcial, pois tratou apenas de alguns dos múltiplos aspectos da utilização da energia.

—Mesmo assim—prosseguiu—estiveram presentes algumas centenas de congressistas de 32 nações, que, durante uma semana, em suas sessões diárias, discutiram diversos assuntos do temário.

A posição da delegação portuguesa

—A delegação portuguesa... era constituída pelo professor engenheiro Ferreira Dias, presidente da Comissão Portuguesa da Conferência Mundial de Energia, pelo engenheiro João Paulo Barbosa Baptista, secretário da referida comissão e chefe de Representação de Condições da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, e por mim.

—Além da sua comunicação, a nossa delegação apresentou mais alguma? —Sim, uma da autoria do engenheiro Pedro Nunes, chefe dos Serviços Técnicos da Hidro Eléctrica do Douro, relativa às condições jurídicas e administrativas do aproveitamento do troço internacional deste rio.

—Como decorreram os trabalhos? —Com grande elevação, devendo destacar-se a delegação brasileira, numerosa e muito bem preparada, especialmente os relatores, que mostraram um conhecimento profundo dos diversos assuntos em discussão. Tiveram especial interesse as sessões dedicadas à conjugação das centrais hídricas e térmicas, em que interveio o delegado português, professor Ferreira Dias; e ao aproveitamento da energia eólica, em que as delegações inglesa e russa apresentaram contribuições extremamente valiosas.

O engenheiro Paulo de Barros acrescentou: —A delegação portuguesa foi alvo das maiores atenções, tendo sido dada a presidência de duas sessões a representantes portugueses, ao professor Ferreira Dias e a mim próprio, e ainda delegando no presidente da delegação portuguesa o encargo de agradecer, em nome dos congressistas estrangeiros e saudar o Governo brasileiro, na sessão solene de encerramento a que se dignou assistir o presidente da República.

—A presidência da Conferência coube ao engenheiro Alves de Sousa, presidente da Secção Brasileira da Conferência, e ao Secretariado, chefiado pelos engenheiros Sândoro Carneiro de Sousa e Farina, pertenceu o espinhoso encargo da organização de toda a reunião, do qual, aliás, se houve com particular brilho, a todos atendendo com desvelada solicitude e atenção e resolvendo com carinho todos os múltiplos problemas que surgiram. As reuniões tiveram lugar no Hotel Quintadilha, em Petropolis, que, com as suas amplas instalações, permitiu reunir com a maior comodidade centenas de delegados.

Valioso panorama da técnica no Brasil

Mas não são apenas as opiniões do congressista—aliás, de grande valor, dada a experiência que tem destas reuniões—que o engenheiro Paulo de Barros nos transmite. O técnico—o estudioso e o observador ávido de curiosidade, que é também—teve amplos motivos de satisfação numa série de visitas a algumas obras importantes, que lhe permitiram completar o conhecimento que já fizera, durante a conferência, do magnífico esforço dos engenheiros e técnicos brasileiros para o aproveitamento dos recursos energéticos do Brasil, como o nosso entrevistado nos acentuou:

—A caminho de S. Paulo, pela magnífica estrada que liga esta cidade com a capital federal—prosseguiu—passando primeiro pela central hidro-eléctrica de Santa Cecília, da «Light and Power», que entrara em serviço há pouco tempo para fornecimento de energia ao Rio de Janeiro. Na vasta caverna aberta na montanha, estão instalados os tubos-grupos, totalizando uma potência de cerca de 300.000 kW e podendo produzir em ano médio, segundo se pensa, cerca de 2 mil milhões de kW (como termo de comparação, cerca de 6 vezes a produção do Castelo do Bode). Da subestação anexa saem as linhas a 150 kW, que vão fornecer energia ao Rio de Janeiro e interligam com o conjunto de centrais da Light, que abastecem S. Paulo.

—Um esclarecimento indispensável para se poder avaliar o interesse das obras hidro-eléctricas visitadas.

—O Brasil tem uma característica orográfica que tornou extremamente difícil a sua penetração e que, durante muitos anos, criou um problema grave para o aproveitamento da energia potencial dos seus rios: ao longo de grande parte da sua costa corre um sistema

de montanhas, a Serra do Mar, onde nasce a maior parte dos rios, que correm assim para o interior, atravessando enormes extensões do território mais ou menos paralelamente à costa e terminando por desaguar em zona muito longe da nascente. Os grandes desníveis estão, porém, para o lado do mar e por consequência perto da origem, ao passo que para o interior o declive é mais suave e, assim, o aproveitamento menos proveitoso; além disso, estando os grandes centros de consumo localizados na costa, não interessava instalar as estações produtoras muito para o interior.

—Como resolveram o problema? —Por uma solução técnica brilhante: por meio de pequenas represas na cabeceira dos rios e instalações de bombagem, a água é levada para as grandes albufeiras no alto da Serra; e desta forma, com elevações reduzidas, compreendidas entre 30 e 60 metros aproveitam-se desníveis entre 700 e 900 metros. Tanto o sistema visitado, como aquele que existe perto de S. Paulo, estão construídos sob esta concepção, que apresenta na realidade um interesse considerável.

«Perto de Santos a central do Cubatão, também com os seus 300.000 kW instalados, obedece, como dissemos, às mesmas características. E trabalha-se afanosamente na construção da nova central subterrânea, procurando recuperar o atraso existente e resolver os graves problemas postos pela carencia de energia eléctrica.

—As necessidades de energia... —Veja o exemplo de S. Paulo. A cidade desenvolveu-se tão rapidamente (1 casa cada 50 m. aumento da população superior a 1,5 milhões em 10 anos, dizem as estatísticas), a indústria nesse estado cresce com ritmo tão apressado, que não se conseguiu ainda alcançar as necessidades sempre crescentes da energia eléctrica. O grande público não se apercebe do esforço gigantesco feito para incrementar por todas as formas a produção da electricidade; e protesta, aliás como qualquer outro público protestaria, contra as restrições em S. Paulo, feitas por sectores em períodos de 5 horas de interrupção.

—E que fazem para suprir estas faltas? Como a construção de centrais hidro-eléctricas é morosa, a Light construiu uma grande central térmica de 200.000 kW, a central de Piratiniga, com caldeiras a fuel-oil, tendo um grupo entrado em serviço nos fins de Julho deste ano. É uma estação moderníssima, com todos os requisitos que a técnica actual impõe, com consumo específico extremamente reduzido, merecendo referência especial a instalação para depuração das águas, que são extremamente impuras. Para abastecimento do fuel construiu-se um vasto «pipe line», de Santos a S. Paulo, com algumas dezenas de quilómetros e vencendo o forte desnível da Serra, e que permite o fornecimento do fuel à central e aos caminhos de ferro.

O nosso entrevistado prosseguindo no seu entusiasmo, disse-nos: —O engenheiro não pode ficar insensível perante os trabalhos que os técnicos estão executando; e quer se trate de centrais ou de barragens, quer se trate de estradas ou de edifícios, nota-se sempre o mesmo afã de realizar bem e depressa, e as obras, pela sua concepção e pelo seu arrojo, despertam a admiração: os enormes arranha-céus, a estrada dupla de Santos a S. Paulo, as centrais eléctricas, tudo é feito em obediência aos mais modernos conhecimentos e procurando e encontrando sempre soluções que resolvam os problemas, pior vezes inéditos que surgem.

Duas realizações prodigiosas

Apasionado por todos os assuntos, que se relacionam com o progresso de técnica e de economia, o sr. engenheiro Paulo de Barros quis referir-se, embora sucintamente, ao aproveitamento de Paulo Alfonso e à instalação siderúrgica de Volta Redonda:

—O rio S. Francisco, no Nordeste do Brasil, em região seca e inhospita onde a vida é dura, exigindo do homem particulares condições de resistência, moral e física, forma, a umas centenas de quilómetros das cidades mais próximas (Baía e Recife) uma cachoeira, Paulo Alfonso, sem apegos fáceis.

«Na firme política de valorização dos recursos nacionais, e por intermédio duma sociedade, na qual o Estado detém 51% do capital, foi deliberado realizar o aproveitamento do rio S. Francisco. Os problemas técnicos que surgiram—e há sempre problemas novos num aproveitamento hidro-eléctrico—foram resolvidos com rara facilidade e brilho, devendo acrescentar-se, para exacta compreensão da obra feita, no meio duma natureza hostil, que foi necessário improvisar um campo de aviação para facilitar os acessos.

—E Volta Redonda?—perguntamos na certeza do interesse especial de que se reveste para nós a instalação da indústria siderúrgica brasileira, na altura em que se trabalha em Portugal no mesmo sentido.

—Volta Redonda pode ser tomada como um exemplo e um símbolo do que pode o homem quando é servido por uma vontade firme. Escolhida a melhor localização topográfica da fábrica de siderurgia, condicionada pelo problema do abastecimento de matérias-primas e escoamento de produtos terminados, caiu-se em região praticamente desabitada; foi então necessário fazer tudo desde o princípio, e hoje, em torno da fábrica, nasceu no curto espaço

de 12 anos uma cidade com cerca de 50.000 habitantes, destinada unicamente aos 13 mil empregados e operários.

Continuando, o nosso entrevistado disse: —A empresa montou uma escola para os filhos do pessoal, instalação de desportos e recreio, cinema, um bloco para lojas, e um magnífico hotel, no alto duma colina que domina a cidade toda, e donde, de noite, se avistam as chamas rubras dos altos fornos iluminando o céu e marcando de maneira inconfundível a cidade de Volta Redonda. Ali, tudo vive para a siderurgia, da siderurgia e pela siderurgia. E, quando abandonámos a cidade a caminho de S. Paulo, vinhamos ainda dominados pela impressão de grandeza que se colhe na visita, pelo entusiasmo com que todos, engenheiros e operários, admiram a obra feita, querendo sempre, porém, mais e melhor.

«É uma cidade onde se olha para a frente, onde não há passado, e que é feita d'a a dia, hora a hora, em luta com os elementos que se dominam, com o ambiente que é desfavorável, com a incompreensão, que é mal de todas as latitudes. Este mesmo desejo de realizar, este espírito generoso de sacrifício por um ideal, esta vontade indomável de lutar e vencer encontram-se por toda a parte: em todos os engenheiros com quem falei, em todos os dirigentes de indústrias que abordei, com todos os brasileiros interessados pelos problemas de técnica e de economia, encontrei a mesma inquietação, a mesma fé nos destinos do seu país, o mesmo espírito realizador.

E acrescentou: —Este panorama é necessariamente incompleto, e abrange uma reduzida parcela de actividade industrial do país. Mas para mais não deu o tempo de que disponha. No entanto, se consegui traduzir fielmente o meu pensamento, poder-se-á ver o que há de grandioso, de tragicamente humano, de corajoso, nesta luta que se empreendeu para domar e aproveitar as forças da Natureza, num país que é rico, mas em que as riquezas só são aproveitáveis graças dum árduo, e por vezes inglório, esforço dos homens.

Deslumbramento da primeira visita

Muito viajado, habituado aos panoramas mais belos e aos grandes espectáculos da Natureza, o sr. engenheiro Paulo de Barros não escondeu a surpresa deste primeiro contacto com o Brasil:

—A primeira impressão do turista—disse-nos com entusiasmo—ao chegar ao Rio de Janeiro, é a espantosa beleza da cidade, que excede tudo o que a imagem nos tinha dado e que a imaginação tinha concebido. E desembarcando no aeroporto do Galeão, a caminho de Copacabana, a impressão seguinte é duma vida vertiginosa, dum tumultuar permanente de paixões, duma ansia febril de viver o minuto que passa.

«O tempo não desvanece estas impressões: pelo contrário, confirma-as e reforça-as. Do alto do Cristo do Corcovado, o panorama é tão deslumbrante que as palavras são insuficientes para traduzir o que se vê. E ao contacto com a gente brasileira, no dia a dia da vida corrente, misturado nas ruas com a população, sente-se o desejo veemente de andar depressa, para não perder um segundo, sequer, da vida que corre célere e que se quer aproveitar toda.

—E saindo para S. Paulo, ao longo da estrada que une as duas cidades, continua a vincar-se a sensação dum povo apressado, no tráfego intenso da estrada, em que os automóveis se sucedem aos autocarros, e estes aos camiões, em vai-vem permanente, trazendo e levando pessoas e mercadorias, sempre na ansia do mais rápido. Em S. Paulo, o ritmo da vida atinge proporções que enlouquecem: uma casa cada 50 minutos, como dissemos, uma cidade com construções por todos os lados, um movimento de gente afadada que não pára um momento.

—O Brasil é uma nação jovem...

—Sim, e como todos os jovens, tem as virtudes e os defeitos da idade: por um lado, generosidade de sentimentos, capacidade de dedicação por um ideal, coragem, iniciativa; por outro lado, actos por vezes impulsivos, e o desejo de mostrar que podem fazer tão bem ou melhor do que os outros. E assim, vemos que as cidades andam quase a compita para ter arranha-céus cada vez mais altos, e maiores do que os existentes nas outras cidades. É curioso notar o ingenuo orgulho com que um habitante de certa cidade diz que se está construindo um arranha-céus de 32 andares, e que não há nenhuma outra cidade que tenha um arranha-céus tão alto. E tem-se a impressão—aquí é uma mera impressão—que há casos em que não se justificaria economicamente um arranha-céus, porque o terreno é abundante, mas que se constrói porque nas outras cidades também há.

«Este orgulho, esta vontade de superar os outros tem, porém, vantagens enormes, porque, estabelecendo um espírito de competição, força a fazer sempre mais e melhor, e a realizar obras que, de outra forma, talvez ficassem esquecidas.

SABUGA
A MELHOR ÁGUA DE SINTRA

Apontando um exemplo flagrante:

—O espectáculo do aeroporto de S. Paulo, com um movimento de cerca de 1 milhão de passageiros por ano, é impressionante: levantam continuamente voo os aviões das diversas companhias que servem o país, pois foi esta a forma que se encontrou, rápida, eficiente e expedita, de assegurar as comunicações naquele enorme Brasil, com uma rede de estradas ainda insuficiente, e que assim, mercê de aviação resolveu o difícil problema das duas ligações internas.

«O turista sai do Brasil com a impressão de ter vivido um sonho, em país de vida estuante, que segue afanosamente um rumo firmemente traçado, e que não tem tempo a perder. E quando se chega à velha Europa, mede-se bem a proporção do esforço gigantesco realizado, do que falta realizar e da ansia de conseguir um equilíbrio que se atingirá brevemente.

Numa síntese admirativa, o nosso entrevistado acrescenta:

—O Brasil é o país do futuro, costuma dizer-se. Mas tenho a impressão de que é um futuro muito próximo. E certamente chegarei a ver o momento em que a nação irmã toma no Mundo o papel que fatalmente lhe está destinado, pela inteligência, pela vontade e pela coragem dos seus homens.

O português no Brasil

Restava-nos ouvir o português, educado no amor do Brasil e na exaltação dos sentimentos fraternos entre portugueses e brasileiros. Eis o que nos disse, sobre esse aspecto, o nosso entrevistado:

—Um português não se sente um estrangeiro no Brasil. A maneira como é recebido em toda a parte, as indeléveis marcas da colonização portuguesa em nação, que atingiu de maneira inconfundível a sua maioridade, dão ao português a sensação nítida de estar na sua terra, tais são as ineqüívocas provas de simpatia recebidas de toda a gente.

«Não me posso esquecer do belo monumento erigido em S. Paulo à memória dos bandeirantes: em grupo alegórico, de homens esforçados que penetraram o Brasil, encontram-se uns versos do poeta Guilherme de Almeida, que não posso reproduzir de memória, mas que, em síntese, dizem: «A memória daqueles que pelos seus feitos vergaram a vertical de Tordesilhas. A imagem é feliz, e no seu conceito lapidário, traduz bem o sentimento dos brasileiros para com os seus avós portugueses.

E, continuou:

—Isto mesmo encontramos nós mais de uma vez, em conversa com brasileiros amigos: nunca esqueçiam o que deviam ao colo do português, que penetrando no interior insópolo, sem vias de comunicação, em luta contra o clima, os insectos e as doenças, balizaram as fronteiras, construindo fortalezas, que ainda hoje causam o espanto e a admiração de quem, com dificuldade, lá chega.

«Não há dúvida de que o Brasil, com as suas características, bem diferenciadas, é a nação irmã de Portugal. Isto não é simples lugar comum, é a tradução exacta dum sentimento de fraternidade que se encontra a todo o momento e em todo o brasileiro.

«Integrados num numeroso grupo de estrangeiros, nas visitas que realizamos, bastava a nossa qualidade de portugueses para sermos recebidos com particular atenção e carinho. E havia logo um engenheiro brasileiro que acompanhava os dois portugueses presentes, que lhes explicava tudo, e que ou estivera em Portugal e dizia a alegria que lhe dera conhecer a terra dos seus antepassados, ou, caso contrário, afirmava o seu firme desejo e intenção de visitar o nosso País logo que fosse possível.

Ao concluir, depois de nos transmitir este belo feixe de variadas e interessantes impressões, o sr. engenheiro Paulo de Barros declarou-nos:

—Envolvidos neste amável clima de compreensão pelos Portugueses e por Portugal, pudemos admirar e compreender a grandeza da nação brasileira. E adquirimos a convicção de que todo o português deve conhecer bem o Brasil, para se desfazerem de vez as ridículas histórias inventadas de povo pouco industrializado, e poder ver, como nós vimos, o enorme esforço realizado e a vasta obra feita, e sentir, com orgulho, como uma grande nação, da nossa língua, vai ocupando o lugar de destaque a que tem legítimo direito. E é assim que o português pode considerar, talvez abusivamente, um pouco como coisa sua, as magníficas realizações brasileiras.

PEQUENAS NOTÍCIAS

CONFERÊNCIAS

Amanhã, às 16 horas, o sr. dr. Diogo Ramos e Costa faz no Clube da Ringheta uma conferência subordinada ao tema «Idade geracional». Inicia, assim, este clube um ciclo de conferências no qual colaboram os srs. dr. Leonel Cardoso, Manuel da Silva Carvalho e o jornalista Amândio de Aguiar.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Para esta noite, está marcado um baile na sede da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, com a colaboração de uma apreciada orquestra.

ASMA

Sofrimento Lorrível.

O Chá para ASMA é de grande valor.

Informa: Chá para ASMA

Rua Dom Antão de Almeida, 5-D

— LISBOA —

ECOS

O general De Castries, aprisionado pelas tropas do Vietminh, em Dien Bien Phu, será hoje restituído à liberdade, após alguns meses de cativeiro. Como autentico soldado francês, encara a sua carreira, como disse Vigny, como grandeza e penitência. A bravura, por maior que seja, não o livra das piores contingências. O general De Castries, no amor e no sacrifício, não perdeu, antes pelo contrário, nenhuma das suas grandes qualidades. Logo que recobre a liberdade, ele terá a impressão, certamente, de vencer uma batalha, pela rara coragem com que suportou o cativeiro e esperou a liberdade.

Há indivíduos que adoptam a mentira como primeiro e unico mandamento da sua vida baralhada e trapaceira. O que lhes importa, sobretudo, dada a inconsistência e a mobilidade do seu caracter, é não serem surpreendidos na sua completa expressão.

Cobrem-se, conforme o momento e a necessidade, com o primeiro trapo sujo que apanham à mão. A hipocrisia fornece-lhes todas as máscaras de que carecem. O interesse, eis o seu deus. São capazes de dar ao Diabo o que pediram a Deus. Choram e riem, indiferentemente, por cálculo. A um deles ouvimos dizer há pouco, perante o caixão de um morto que dava entrada no seu jazigo:

—Felizardo que vai para o Outro-Mundo, sem ter a certeza de que eu era seu amigo ou seu inimigo!.

Numa bela e rica edição da Agência Geral do Ultramar, publicou o professor Gonçalves Pereira uma obra de alto valor, intitulada «Índia Portuguesa». Cremos ser esta monografia o estudo mais perfeito que, nos ultimos tempos, regista a nossa bibliografia. O seu autor alia a cultura científica de um mestre a arte de bem escrever só própria de um verdadeiro escritor e académico.

Devemos também acrescentar que a «Índia Portuguesa» não deixa, fora das suas páginas, nenhum problema, entre os muitos que nos interessam, pois a Índia, de que os Portugueses fizeram um império e um farol da civilização, no Oriente, aparecerá aos olhos do leitor, de qualquer nação que seja, na sua luminosa e ampla verdade. Das suas 500 páginas, resalta nitidamente o seguinte: o dr. Gonçalves Pereira apresenta-se sempre como um português da Índia que, no seu amor a Portugal, não encontra senão motivos para crer no futuro — na união cada vez mais íntima dos países do Império.

Gentil Marques publicou um livro de poemas a que deu o título de «Viagem d'Aventuras». A edição é da colecção «Chama».

O autor sente a vida, entre o Céu e a Terra, na sua variedade infinita e na graça espontânea da sua inspiração.

Esperamos que Gentil Marques nunca perca a bela disposição que o leva a ser poeta e profeta, na compreensão do que se passa na corola de uma simples flor e na grandeza do Mundo.

Prof. Manuel R. Pinto

A fim de tomar parte no Congresso Internacional da Poliomielite, para o qual foi especialmente convidado, partiu para Roma o sr. prof. dr. Manuel R. Pinto.

DINHEIRO
S/AUTOMÓVEIS EMPRESTAMOS
EM 2 HORAS—MÁXIMO SÍGIL
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3—LISBOA
RUA SANTA CATARINA, 108—PORTO

OURO EM 2.ª MÃO
Só pelo peso — Grande sortido
Ourivesaria Pimenta
RUA AUGUSTA, 253 — TEL. 2 4564

DIGA E FUME SEMPRE
DUK GEORGE
CHARUTOS E CIGARRILHAS
HOLANDESES

Os cegos podem «ver» com auxílio dum novo aparelho inventado por um Italiano

Precisamente no momento em que se reunia em Paris, de 5 a 13 de Agosto, o congresso internacional para a luta contra a cegueira, no qual tomaram parte setenta delegados (quase todos invisíveis) de trinta países, foi anunciada em Itália uma invenção destinada a revolucionar as condições de existência de todos aqueles que perderam a vista.

Com efeito, os cegos poderão, agora, ler a vontade livros, revistas, jornais, cartas, documentos escritos ou impressos em caracteres ordinários e sem que haja necessidade de os transcrever para o alfabeto Braille.

Foi António Dubiani, jovem engenheiro, de 26 anos, quem apresentou em Modena o aparelho que realiza este milagre. Trata-se de uma espécie de corneta em cuja extremidade pontiaguda existe uma célula fotoeléctrica. Esta corneta está ligada a uma caixa receptora munida de teclas, cada uma das quais tem, em relevo, um dos caracteres do alfabeto Braille.

Uma vez a corrente estabelecida no aparelho, inclina-se a ponta da corneta sobre o documento a ler. Imediatamente a célula fotoeléctrica começa a transmitir o texto, letra por letra, à caixa do receptor. Então a tecla correspondente à letra salta através de uma fenda (sempre a mesma) sobre a qual o cego tem o dedo pousado, lendo assim, por meio do tacto, tal como faria se o documento estivesse impresso no alfabeto Braille.

O aparelho sómente é utilizável para a impressão em negro e branco, pois não reage à impressão a cores.

Os cegos já podem «ouvir» os objectos

O aparelho apresentado por Rubiani é um protótipo. Estuda-se já a possibilidade de o fabricar em série. Passará, portanto, algum tempo antes que este esteja no domínio comercial.

Por outro lado, o congresso pôde verificar os notáveis resultados de outro aparelho destinado a permitir aos cegos «ouvir» os objectos.

Foram os especialistas de Saint-Dunstan, o mais célebre dos hospitais ingleses para tratamento das enfermidades da vista, que o aperfeiçoaram partindo de uma das mais famosas descobertas britânicas: o radar.

Este, como se sabe, é baseado na emissão de um feixe de determinadas ondas que, se forem interceptadas por um objecto, são reflectidas em direcção ao emissor e captadas num ecrã, no qual desenhava a silhueta do obstáculo.

O aparelho destinado aos cegos substitui a imagem pelo som. Tem o aspecto de uma lampada de bolso e a sua construção foi possível pela descoberta de uma minúscula lampada de T. S. F. que é alimentada por uma pilha seca de dimensões reduzidíssimas e de funcionamento instantâneo, não sendo, por isso, necessário o aquecimento da lampada.

Este olho eléctrico emite uma onda sonora continua, tão tenue que a própria pessoa que transporta o aparelho não a ouve. Por outro lado, logo que é reflectida por qualquer objecto, a onda faz vibrar um auscultador que está fixado a um dos ouvidos do portador que, desse modo, fica prevenido de que há qualquer objecto no seu caminho. Estando o feixe de ondas extremamente cerrado, não reflecte senão os objectos que se encontram exactamente na direcção a seguir.

Após alguns minutos de treino, um cego é capaz de andar à vontade numa sala cheia de móveis, que desconheça.

Numa rua tranquila a detecção de um candeeiro, de uma árvore ou de um peão é assegurada, no mínimo, a distancia de seis metros. Há, não obstante, um inconveniente sério: o olho eléctrico torna-se completamente inútil numa rua de intenso movimento, porque a sobreposição de ondas reflectidas provoca um ruído enorme e ainda porque o cego tem dificuldade em as distinguir.

Um dos seus inventores declarou o seguinte: «O nosso olho eléctrico é essencialmente destinado a aqueles que, devido a um acidente ou a uma doença, perderam a vista numa altura em que já não eram crianças. Um cego de nascença ou que o é desde jovem, quando o organismo é ainda muito maleável, está provido de um «radar» natural. Isto é, de um ouvido que se habitua a colher o mais infimo ruído, re-

flectido por um obstáculo, e que o seu cérebro interpreta mecanicamente.

Já se podem «ouvir» as cores?

No campo das descobertas há ainda a assinalar uma, de origem soviética, que data de há três anos: dois sábios russos teriam descoberto, graças ainda à célula fotoeléctrica, um meio de «ouvir» as cores.

Em teoria, a coisa não tem nada de surpreendente, pois que cores e sons influenciam o organismo pelas vibrações que os constituem. Todavia, a fórmula de «ouvir» as cores parece que não tinha sido ainda encontrada. Acerca da descoberta dos cientistas russos não são conhecidos pormenores que nos possam esclarecer convenientemente.

Uma das grandes descobertas que podem vir a tornar-se de extrema utilidade para os cegos é a Televisão. Estão a fazer-se diversos estudos com esse fim, de forma a contribuir para melhorar a vida daqueles que perderam a vista e pretendem substituí-la por processos mecanicos.

Esperteza salaia

Relata-nos o nosso correspondente em Caldas das Taipas uma anedota singela ali vivida, que publicamos a seguir pelo seu sabor típico.

Quando seguia de bicicleta, sofreu um desastre, de que lhe resultaram alguns ferimentos, Manuel da Silva, filho do moleiro Porfírio da Silva, do lugar do Rabelo. Recendo a atitude do pai, o rapaz bateu, a horas tardias, à porta do fogueteiro Fernandes, a quem pediu que o acompanhasse a casa, pois, quando para ela se dirigia — inventou —, fora agredido por desconhecidos. Desejava, assim, ocultar o desastre que sofrera. O Fernandes reparou, porém, que o mentiroso tinha já sido tratado e sabe que o que isso fora possível, tendo sido o Manuel assaltado no caminho. O interpelado respondeu prontamente: «E' que os malandros que me agrediram, traziam já os remédios para me tratarem!»

Subdirector da Policia encontrado morto

BATH (Sudoeste de Inglaterra), 2.—O subdirector da Policia de Bath, Frank Skirton, foi encontrado morto com um tiro, no seu gabinete, no posto central da Policia em Bath, a noite passada.

Não há suspeita de assassinio. Skirton teve um papel de grande relevo nas investigações feitas a uma tentativa de fraude nas apostas das corridas de cavalos em Bath, há cerca de um ano, quando um cavalo foi substituído pelo cavalo francês de 20 anos «Francasal». —(R.).

TREMOR DE TERRA

TÓQUIO, 2.—Um abalo de terra relativamente forte fez-se sentir, às 6 e 18 (T. M. G.) de hoje, nas áreas do centro do Japão.

O Observatório Meteorológico Central comunicou que o seu epicentro se dera próximo do rio Tone, ao Norte de Tóquio. O Q. G. da Policia informou que até agora não se assinalaram prejuizos. —(Reuter).

A quarta regata do campeonato de «stars» disputou-se esta tarde na baía de Cascais

Ao iniciar-se a penultima regata do XV Campeonato da Europa e do Norte de Africa de «Stars», os Portugueses encontram-se nas melhores posições.

A 3.ª regata, que um inexplicável período de calmaria em Cascais tanto prejudicou adiando a prova de um dia para o outro, anuindo uma competição que chegou a iniciar-se e não se concluiu no prazo regulamentar, estava, sem duvida, destinada a promover as maiores alterações na marcha do campeonato.

A prova de ontem, marcada, inicialmente para as 12 e 30 e só realizada às 16 horas, provocou, mercê dos resultados, uma grande alteração na classificação geral, colocando o Portugueses, Fiuza e Duarte Belo, nos primeiros postos e afastando Straulino para o quarto lugar.

É certo que Tito Nórdio, em virtude da sua admirável vitória na prova de ontem, ascendeu ao terceiro lugar, mas, nem por isso, a posição dos velejadores nacionais deixa, efectivamente, de estar definida e traduzir fundadas esperanças numa vitória final, que corresponderá à conquista do Campeonato da Europa com rodagem para o do Mundo, que, a seguir se efectua nas águas de Cascais.

Ao iniciar-se a prova de hoje, os dez primeiros lugares da classificação geral são ocupados da forma seguinte:

1.º, Duarte Belo; 2.º, Joaquim Fiuza, com 6 pontos; 3.º, Nórdio, 65; 4.º, Straulino, 61; 5.º, Ernesto Mendonça, 58; 6.º, Philipp Chanceler, 52; 7.º, Paul Fisher, 46; 8.º, Frederic Mercier, 43; 9.º, Cosentino, 42; e 10.º, Mári Rivelli, 40.

A largada foi dada às 13 e 45. Os «stars» de Duarte Belo e Straulino fazem uma excelente partida. O percurso (3AB), marcado no enfiamento de duas balizas, é percorrido em duas voltas. Duarte Belo, Fiuza, Cosentino e Tito Nórdio, seguem juntos, amurados por bombas do.

Noutro grupo, navegam as embarcações de Straulino, Chanceler e Mendonça.

Entretanto, Rivelli abandona a prova, voltando para a baía, rebocado por um gasolina. As posições definem-se. A primeira baliza, rondada pela seguinte ordem: Chanceler, Belo, Straulino e Nórdio. Na segunda baliza Duarte Belo passou distanciado. Em segundo passaram Chanceler, Nórdio, Straulino e Fiuza.

O velejador português Duarte Belo está a fazer uma excelente prova.

Explosão a bordo do «Eagle»

PLYMOUTH, 2. — Uma explosão a bordo do porta-aviões britânico de 36.000 toneladas «Eagle», ocorrida hoje em Plymouth, teve como consequência a morte de um jovem cientista do Almirantado. Ficou também ferido um aprendiz.

O «Eagle» está a ser reparado nas docas deste porto. Os prejuizos no mais moderno porta-aviões britânico foram sem importância. — (Reuter).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 16 horas: máxima, 27º; mínima, 15º.9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 31º.3; mínima, 19º.7.

ESCOLA ACADÉMICA

A mais antiga escola particular do País (fundada em 1847)

Condecorada com a Ordem de Instrução Publica

LARGO DO CONDE BARÃO, 47 (Palácio Condes Pinhel — Tel. 62430)

LISBOA

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Liceal, Comercial, Admissão aos Institutos (Comercial e Industrial), Cíelo Preparatório do Ensino Técnico e Instrução Primária

OPTIMOS RESULTADOS EM TODOS OS CURSOS

Internato e Externato (sexo masculino)

ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS

EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DO ESTORIL

C. A. C. B. e C. A. C. I. B.

Sábado, 4 e Domingo, 5 de Setembro — No Pinhal da Avenida Portugal, junto ao ténis (das 14 às 19 h.)

OS MAIS BELOS EXEMPLARES DE PORTUGAL

DOMINGO (às 17 horas)

durante o desfile dos exemplares premiados o concurso

«LA BELLE et LA BÊTE»

Serviço permanente de Bar ♦ Aos Srs. Expositores: A's 13 horas prefixa entrada dos exemplares

INICIO DA CLASSIFICAÇÃO ÀS 14 HORAS EM PONTO

Preço de entrada no recinto da Exposição: 10\$00

O cruzeiro real no Mediterraneo

Uma imagem curiosa do cruzeiro das cabeças coroadas a bordo do «Agamemnon», que hoje terminou em Nápoles: a rainha Frederica da Grécia, seguida pela rainha Juliana da Holanda, sobem, montadas em mulas, as escarpas da ilha grega de Santorin. Entre os convidados contava-se o ex-rei Humberto da Itália, com a rainha Maria José e a princesa Maria Pia, uma das caras mais bonitas que tomaram parte no cruzeiro. O restante cortejo era formado por mais alguns membros de famílias reais, entre os quais trinta e seis jovens príncipes com menos de 20 anos de idade. O consul da Grécia em Nápoles, declarou a partida: «Esperamos que nos seja possível anunciar alguns noivados quando o cruzeiro terminar...». Agora, resta saber se o augúrio saiu certo.



Alguns membros do faustoso cruzeiro das «testas coroadas» da Europa pelo Mediterraneo. Da esquerda para a direita: a rainha Frederica, Maria José, mulher do ex-rei Humberto da Itália, príncipe-herdeiro Constantino da Grécia, rainha Juliana da Holanda, e rei Paulo da Grécia, fotografados numa viela escura de Santorin, ilha grega do Egeu, desfilando por entre alas de pobres crianças insulares

Procedimento criminoso que origina a morte de uma criança

OLHAO, 2 (Pelo telefone).—Vítimas de envenenamento—ao que se supõe—deram entrada no hospital desta vila, João de Sousa Goela, de 5 anos, que morreu pouco depois; sua mãe, Maria José Custódio, casada com José de Sousa Gomes Goela, trabalhador, morador em Pexão, deste concelho; seu irmão, de 10 anos; José de Sousa Goela, e ainda uma garota de treze meses. Todos apresentam fortes sintomas de envenenamento, pelo que ficaram internados.

A Maria José Custódio declarou às autoridades que fora apanhar figos a uma propriedade pertencente a José Firmino Albardeiro, divorciado de Maria Pardala, do sítio de Pexão, e que os comera, com as crianças. Presume-se que os estivessem envenenados.

A G. N. R. tomou conta do caso e já começou as diligências para descobrir o autor de tão repugnante acto. Sabe-se que o Firmino, divorciado recentemente, não via com bons olhos que os seus filhos e da Pardala fossem colher figos à propriedade.

O caso provocou enorme repulsa em Olhão. Vai efectuar-se a autópsia ao cadáver do menor, para se determinar as causas da morte.

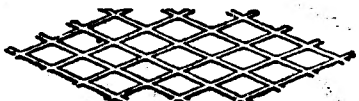
A situação no Brasil

Greve geral em São Paulo

SÃO PAULO, 2:—A Polícia patrulhou a cidade de São Paulo para impedir possíveis desordens quando milhares de trabalhadores da cidade iniciaram a noite passada uma greve geral de 24 horas.

Espera-se que os serviços de transporte e outros serviços essenciais sejam garantidos pelas forças militares. Os empregados das companhias fornecedoras de luz e energia eléctrica recusaram-se a participar no movimento de greve. — (Reuter).

A MELHOR REDE DE AÇO



PARA CONSTRUÇÃO CIVIL (isolamentos, tectos, tabiques, pavimentos, etc.), vende-se na sede de METAL DISTENDIDO, LDA. CAMPO GRANDE, 10 a 10-B Telef. 774132—LISBOA

Attlee confia aos jornalistas as suas impressões da visita à China

HONG-KONG, 2 — Clement Attlee, afirmou hoje que tinha pedido ao chefe comunista chinês Mao Tsé Tung que transmitisse à Rússia a opinião do Partido Trabalhista britânico de que, se fosse desejada uma redução geral dos armamentos, seria uma boa coisa que a Rússia desse o exemplo. Numa conferência com a Imprensa em Hong-Kong, Attlee disse que pediria a Mao Tsé Tung que transmitisse esta opinião a Malenkov, o chefe do país mais fortemente armado no Mundo.

Interrogado acerca de um possível encontro entre dirigentes da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Rússia e China, Attlee afirmou não pensar que esse assunto fosse discutido consigo. E acrescentou: «Deve compreender-se que existe um limite para os assuntos que uma missão não oficial pode discutir».

Interrogado sobre se a viagem fizera que alterasse alguma das suas ideias, acerca da China, Attlee respondeu: «Não grandemente».

Interrogado sobre se o Governo chinês se encontrava sob influência russa, o chefe trabalhista respondeu: «Os Chineses dependem fortemente da Rússia para os seus abastecimentos, etc». Não vi quaisquer exemplos de Russos em postos de chefia na China».

Attlee afirmou que na parte que diz respeito à liberdade de pensamento e de palavra na China era um país dirigido pelo Partido Comunista sem qualquer diferença dos outros países comunistas. O movimento sindical na China não é aquilo que queria dizer movimento sindical. É simplesmente um instrumento de governo para garantir maior produção.

«Não é possível formarem-se juízos finais numa curta visita a um país, até aí não visitável, acrescentou. Um dos principais problemas do Mundo é o das relações entre povos governados por princípios diferentes». — (R.).

Almoço de homenagem ao adido comercial dos Estados Unidos

Realizou-se hoje, no restaurante «La Gondola», um almoço de homenagem e despedida ao sr. Bartlett Richards, adido comercial à embaixada dos Estados Unidos, por iniciativa da Câmara de Comércio americana em Portugal.

Assistiram os srs. dr. Alexandre Pinto Basto e William Lyons, presidentes da assembleia geral e da direcção da Câmara; António Santos Mendonça, secretário; Manuel Nunes Correia, tesoureiro; Anselmo Pinto Basto, dr. Jorge de Melo, comandante José Cabral, conde de Caria, Maxime Vaultier, D. José de Lencastre, Wooler e Joseph Mundet, vogais; e, como convidados, os srs.: dr. João Augusto Correia de Barros, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros; dr. António de Fezas Vital, pelo Ministério da Economia; dr. Francisco Cortês Pinto, pela Associação Industrial Portuguesa; e Carlos Mantero, pela Associação Comercial de Lisboa—Câmara de Comércio.

O sr. dr. Alexandre Pinto Basto saudou o homenageado, cuja acção, principalmente nas suas relações com a Câmara de Comércio Americana, foi descrita pelo sr. António Santos Mendonça; e o sr. Bartlett Richards, agradecendo a homenagem, manifestou a sua satisfação pelo tempo que esteve em Portugal, que muito ama e admira, dizendo que sempre que isso lhe for possível virá de visita ao nosso País.

Exposição Canina-Estoril

Tem os seus cães com



A. M. Silva - Rua da Betesga, 1
A. Montez - Pr. D. João da Câmara, 3

O elevador da Bica começou a funcionar mas avariou-se

O elevador da Bica, como o da Glória, presta inestimáveis serviços a muitos milhares de pessoas que diariamente o utilizam, sobretudo clientes dos mercados da beira-rio. Assim, as interrupções do seu funcionamento, causam grandes prejuízos, não só porque aumentam os incómodos, mas porque originam maiores despesas.

No dia 1 de Agosto, deu-se uma interrupção, para reparações, afinação e pinturas dos dois veículos, e trabalhos na via.

Esta manhã, com regozijo geral, os dois carros começaram a funcionar; mas foi «Sol de pouca duração», porque, algumas horas depois, ambos pararam, e não houve maneira de os demover, com grande arrelia dos passageiros, principalmente das donas de casa que tiveram de galgar a íngreme ladeira, ajudadas ao peso de cabazes e cestos com frutas, hortaliças e peixes, comprados nos referidos mercados.

Parece que a paralisação foi devida a uma avaria na cabina da electricidade, que o pessoal técnico da Carris se apressou a estudar, para recomeço do funcionamento das carris.

E, já que falamos neste assunto, voltamos a lembrar a conveniência de as «bichas» dos passageiros para os elevadores ascendentes se fazerem do lado contrário ao do desembarque dos que seguem nos descendentes, para evitar os encontros, os incómodos e as demoras que o sistema até agora usado ocasiona. Como só é permitida a entrada de passageiros até estar completa a lotação dum carro, não há o perigo de alguém ficar sem lugar; e quanto à vantagem de os que entram mais cedo escolherem os melhores lugares, pode manter-se organizando as «bichas» dentro da estação, de baixo para cima.

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE
LINHO

TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SORTIDO
DE LISBOA

CASA DE PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FARQUEIROS

DR. CARLOS BARBOSA

RAIOS X

R. Rodrigo da Fonseca, 18, r/c.

Tel. 47578

RETOMOU A CLÍNICA

COLEGIO INFANTE DE SAGRES

Ensino infantil primário e liceal

Telef. 58.051

VIDA Literária

O prof. Carneiro Leão
grande amigo
de Portugal
eleito para o Instituto da França

O ilustre professor e escritor brasileiro Antônio Carneiro Leão acaba de receber uma distinção que se reflecte tanto sobre o seu país, como sobre Portugal: foi eleito membro do Instituto de França, organismo que se integra na Academia de Ciências Políticas e Morais, onde substituiu o filósofo norte-americano John Dewey. O notável brasileiro, que, como director do Distrito Federal, deu o nome de «Portugal» à mais bela escola que mandou edificar, recebeu do reitor da Universidade de Paris, professor Jean Sarrailh, uma afectuosa carta em que, depois de lhe comunicar a eleição, o felicitava pela altíssima distinção de que acaba de ser alvo e que recompensa com justiça os seus valiosos trabalhos filosóficos e científicos. Recebeu também: o professor Carneiro Leão, mensagens de congratulações do presidente da Academia de Ciências Políticas e Morais do Doyen, G. Davy, da Faculdade de Letras, dos professores Sigfried Febvre, professor Hadamard, professor Tapié, professor Piéron e outros vultos da intelectualidade francesa. No Brasil, a honrosa distinção foi objecto de congratulações por parte do Conselho Universitário da Universidade, da Faculdade Nacional de Filosofia, da Academia Brasileira de Letras, da direcção do Instituto de Educação, da Associação de Educação e de outras entidades.

A eleição do professor Antônio Carneiro Leão para o Instituto de França, reflecte o grande êxito que alcançou com o curso que recentemente fez na Sorbonne, sobre sociologia na América e, nomeadamente, no Brasil, de que resultou um volume em francês, lançado pelas Presses Universitaires e distribuído em todo o Mundo.

OS NOSSOS CONTOS

Contra-luz

por Odette de Saint-Maurice

Ardente e soalheira, a tarde. Uma poalha de ouro cintila no ar que a luz friza, embriagada no azul, no verde, no amarelo.

Lá ao fundo, o Oceano indolente, sem ondas, quase sem voz, todo espapado, é a mancha caprichosa dum talento para que não existem horizontes.

Na praia anda á solta o alarido da petizada, tonta de claridade de nudez. Chilreiam como aveztas; reboam-se como cachorrinhos; a areia é o seu mundo. A vida, a sua propriedade.

Enquanto os homens espreitados, andam longe em missão de chefes, ganhando o sustento das famílias, elas, as jovens mães ou raparigas que desejam noivo, fazem rês e as atricas, lêem, tagarelam: cerca de tanta coisa em que não há intimidade. Ou sonham, apenas.

Os sonhos fazem parte da beleza da tarde

(Continua na 13.ª página)

ARTE PORTUGUESA

(ARQUITECTURA E ESCULTURA —
PINTURA — ARTES DECORATIVAS)

Obra monumental, ilustrada com mais de 1.500 gravuras e numerosos «hors-textes» em tetracromia, publicada sob a direcção do Dr. João Barreira, com a colaboração dos ilustres escritores e críticos de Arte: Dr. Adriano de Gusmão, Prof. Armando de Lucena, Dr. Armando Vieira Santos, António Machado de Faria, Augusto Cardoso Pinto, Dr. Carlos de Passos, Escultor Diogo de Macedo, Prof. Ernesto Soares, Gastão de Melo de Matos, Gustavo de Matos Sequeira, Dr. João Couto, D. Julieta Ferrão, Dr. Luis Chaves, D. Maria José de Mendonça, D. Maria Madalena de Cagigal e Silva, Dr. Reinaldo dos Santos, Prof. Vasco de Lucena. Aceitam-se assinaturas para a obra completa ou para uma das partes isoladamente

EDIÇÕES EXCELSIOR

Rua do «Século», 138 — LISBOA

Telefone: 22807

A PRIMEIRA VITIMA DO DIABO

O PRETO NO BRANCO

Conversões

de Ramada Curto

Transcrevo a seguinte carta que Malaquias Raposo me envia das Termas de S. Fagundo:

«Não sei se leste nos jornais uma notícia sensacional vinda de França. Foi o caso que se encontrou num notário de Paris um documento datado de 2 de Março de 1778 pelo qual se vê que Voltaire, aos 84 anos, não podendo deslocar-se por doença até à igreja mais próxima, manda chamar o abade Gaultier a casa do marquês de Viletes onde se encontrava na presença de outro abade de nome Mignot, seu sobrinho, pede para ser ouvido de confissão e declara esperar que Deus lhe perdoe todas as suas faltas e quèrer morrer na fé católica. E no reverso do documento previra já a hipótese de se dizer que ele viria a protestar contra essa declaração e diz que se trata duma suposição «de vários intelectuais mais ilustres que ele Voltaire».

«E' como, tu verás, uma conversão em boa e devida forma feita aos 84 anos, quase dez anos portanto antes da sua morte pois que ele morreu prestes a fazer noventa e quatro.

Tu não precisas que eu te recorde nesta carta a figura de Voltaire. Qualquer enciclopédia te fornecerá uma biografia compêndiosa e eu, se o tentasse, arriscava-me a parecer-te pedante e pedagógico. De resto não é so-

bre o François Marie, autor do Candide e do Dicionário Filosófico, amigo de reis e de imperatrizes que encheu um século com a sua glória, que eu te vou falar.

«Não me admira a tua conversão a dez anos da sua morte. Tu conheces o meu caso. Como tu sabes melhor do que ninguém eu, pode dizer-se, que sou um convertido. Nos tempos em que tít me conhecesse era também um pequeno heresiarca. Morava ao tempo na Rua do Possolo á Boa-Morte que é aqui em Lisboa. Não morava em Ferney não era glorioso, não conhecia nenhuma imperatriz nem nenhum rei da Prússia, mas dizia muita asneira sem ter escrito o Candide. Nesse tempo eu não afirmava que «até numa pulga havia alguma coisa de divino», como Voltaire afirmou. Estava divorciado do divino e nem nas pulgas o reconhecia.

«Hoje tu sabes o que eu penso. Nunca discutimos o assunto e tu tiveste o bom gosto e a delicadeza de nunca me dizeres qualquer coisa sobre o meu caso. Mas eu sinto que tu estás reticente acerca de muitas conversões como a minha. Ora estas, nem por serem menos espectaculares que as dos homens célebres, deixam de ter uma profunda significação. E é por isso que eu trato do assunto nesta carta a propósito do caso Voltaire.

«Há um outro caso que eu te peço para notares porque o considero notabilíssimo. E' o caso do Simplicio, do Simplicio Andrade, que tu conheces tão bem como eu. Simplicio exibia um ateísmo grosseiro, palavroso, insolente. Dir-se-ia que tinha uma questão pessoal com o Criador. Um pobre e inofensivo eclesiástico que passasse junto dele, arriscava-se a ouvir uma grosseria ou uma impertinência. A sua vida social era deplorável. Parecia que uma febre interior o queimava. Magro, bilioso, irascível, sofria da alma e sofria do estomago. Blasfemava e emborachava-se. Dava-se até o caso curioso de ninguém saber como ele vi-

(Continua na 13.ª página)



«As três graças», de Sodoma, expostas num museu de Roma

DE VEZ EM QUANDO

RAMALHO

por João Patricio

A cidade do Porto, de tão nobres e seculares tradições, acaba de prestar justa e condigna consagração á memória de um dos seus filhos mais ilustres—glória imorredoura das letras nacionais.

Com a assistência de um membro do Governo, dos representantes diplomáticos da Holanda (que ele tanto amou e brilhantemente descreveu) e de outras entidades oficiais, inaugurou-se há dias, na cidade Invicta, com a solenidade requerida pelo acontecimento, uma estátua de pedra, erigida em lembrança e respeito pelo inesquecível crítico da sociedade portuguesa da segunda metade do século passado, o admirável panfletário de «As Farpas», Ramalho Ortigão.

Essa figurativa memória, cinzelada no granito, reflecte bem, na sua fria imobilidade eterna, com o seu porte desempenhado e aberta expressão, a solidez do carácter arejado e leal, a firmeza de convicções, a rectilínea linha do pensamento, a tempera intelectual e moral de um grande Português—de antes quebrar que torcer—que dignificou a Pátria onde nasceu e a inteligência humana, pondo a sua pena, cristalina e cutilante, ao serviço de ambas, criticando sempre do alto, construtivamente, na ansia de ver diferente e melhor—em defesa da Verdade e da Justiça.

★

Estamos a imaginar a exultada alegria que Ramalho devia ter sentido ao ver encontrarem-se com ele casualmente, na sua terra, naquele Verão de 1884, Antero (a que distancia ia já esse dueto famoso) Eça, Oliveira Martins e Junqueiro.

Esse encontro fortuito, de cinco velhos amigos, que combinaram reunir-se num almoço íntimo no Palácio de Cristal, ficaria registado para a posteridade, através de uma fotografia, hoje célebre, com a designação do «Grupo dos Cinco».

Imaginamos também, Ramalho, três anos mais tarde, lançar (como apreciado «gourmet», de créditos firmados) na sua casa das águas furtadas do prédio da Calçada dos Caetanos, em Lisboa, a ideia de se realizarem, periodicamente, jantares intelectuais, reunindo á volta da mesma mesa, com requintados ágapes, a amizade, a esufiante alegria, os ditos de espírito (e inúmeras «bottades» correriam a Capital e, até, o País), a crítica política e de costumes, a dialéctica literária e filosófica.

Estamos a imaginar ainda a voz pessimista de Oliveira Martins (o D. Sebastião do Poder, martelando mentalmente a conhecida e desoladora frase, do gigantesco e bronzeado Hercúlio: «isto dá vontade de morrer!»)—propulor aze o grupo que viesse a formar-se com aquele objectivo, se denominasse «Vencidos da Vida».

Continuamos a imaginar. Vemo's agora—recuando a 1865—a ramalha figura brandir a sua pena justiciera contra Antero, por altura da famosa «Questão Coimbra».

Ramalho, concordava plenamente com a doutrina defendida do genial Poeta das «Odes Modernas», na célebre carta-aberta, «Bom senso e Bom Gosto», dirigido a Castilho; mas só com a doutrina. Não tolerava, porém, que um moço, da mesma idade da sua, com vinte e poucos anos, atacasse, «ad odium», velhice e a cegueira daquele patriarca e mentor das gerações de então, ultimo abencerragem dos arcaísmos—póstumo cultor do clacissismo.

Com essa nobre atitude, Ramalho, espírito superiormente tolerante, pretendia assim estabelecer um principio de ética literária e social, que ficasse como um padrão a seguir pelas gerações do seu tempo e vindouras: o de que para atacar ideias, doutrinas de que se discorda, não se torna mister alvejar, ferir subjectiva, pessoalmente, aqueles que as professam e defendem, com igual e honesta convicção.

Antero, espírito igualmente superior e tolerante, mas irreflectido e impulsivo, acabou (depois de desagrar, com um simbólico duelo, a sua honra, julgada ofendida) por cair, mais tarde, nos braços do seu duro censor e, com ele, andar pela vida fora, até que um acto de desespero do poeta-filósofo, os separou para sempre.

★

Recordar Ramalho e imaginá-lo na convivência espiritual daqueles que, consigo esmaltaram uma época áurea das letras portuguesas (de crítica, por vezes, excessivamente demolidora, é certo, mas eminentemente brilhante e nobre), é visionar o tempo em que os ídolos da gente nova eram por esta admirados e respeitados, não pelo numero de golpes introduzidos nas balizas adversárias, ou pelos socos desferidos na cara massacrada de puijantes «boxeirs», mas pelas lutas travadas, no campo do Pensamento e da Inteligência—postulando verdades literárias, artísticas, científicas, sociais e filosóficas.

De um lado, o primado do espirito; do outro, a primazia do musculo.

O ideal seria reencontrar o meio termo: «in micio virtus», «mens sana in corpore sano», dos antigos romanos...

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

Evocações

O CONDE DE ALMEDINA E A ARTE EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

Eis um simpático e enternecido livro de evocação humana, que nos lembra a acção nobilíssima e desinteressada do conde de Almedina em prol do nosso património artístico. É escrito por sua filha, a sr.^a D. Alda de Guimarães Guedes Pinto Machado (condessa de Almedina), irmã, supomos, daquela figurinha do nairoso, esmaltada de todas as graças da infância, que Soares dos Reis esculpiu, com um cesto de flores nas mãos, a cabeça gravemente inclinada, num misto de timidez e de inocência. Essa magnífica peça de estatuetaria ilustra o belo livro que se chama: «O conde de Almedina e a arte em Portugal do século XIX». O que devemos a Delfim Guedes, que o rei D. Luís justamente enobrecera, dando-lhe um dos títulos mais notáveis do País, arrancado a um dos velustos arcos de Coimbra?

Entre outras iniciativas de carácter artístico, em que a sua generosidade de Mecenas inteligente se comprazia, o de ter sido o principal organizador da primeira exposição que se realizou em Lisboa das nossas melhores peças de pintura, escultura, armaria, medalhística, cerâmica, arte sacra e outras. Embora as invasões espanholas e francesas e o terramoto de 1755 tivessem deprimido o nosso faustoso património artístico, havia ainda muitas coisas em Portugal na mão de particulares, ou de comunidades religiosas, por vezes, mal resguardadas.

O conde de Almedina, entre outros, mas com toda a evidência o principal agente desta recolha, conseguiu reunir, no pomboalino palácio onde está agora o Museu de Arte Antiga, que não tinha, como é de calcular as largas dependências de hoje, milhares de preciosos valores plásticos. Passava-se isto em 1882, e a cerimónia da inauguração do magnífico recheio, que devia constituir o núcleo principal da pinacoteca das Janelas Verdes, assistiram os reis de Portugal e de Espanha. Não foi fácil a tarefa do conde de Almedina. Num sueto de Gervásio Lobato, cronista brilhante da época, que se transcreve no livro, conta-se o que sucedeu ao aristocrata, quando foi a uma das aldeias dos subúrbios de Lisboa inventariar ou arrecadar para o Estado algumas alfaias artísticas. Tocaram os sinos a rebate, e ele teve de retirar-se pela porta traseira da sacristia. Este pormenor é bastante elucidativo das reticências que venceu e das dificuldades que resolveu.

Alguns anos mais e o nosso património artístico, que tão delapidado estava, ter-se-ia perdido, quase por completo. Já não havia guerras e vivia-se, então naquela época do sr. D. Luís, fácil e tranquilamente. Mas raro era o dia em que os antiquários estrangeiros não nos levavam, por macuta e meia, o melhor da nossa sumptuária artística oficial ou particular.

A maior enormidade ainda era esta: não havia um museu no País, isto nos finais do século XIX. O conde de Almedina, devotadamente, entregou-se a essa obra, e como era rico e tinha sensibilidade, muita coisa deve ter salvo do desbarato e da incuria, como também dos negociantes mais ou menos publicos dos agentes estrangeiros.

Apareceram à luz do dia coisas maravilhosas. Seria bom, até, por simples curiosidade, comparar o catálogo dos objectos expostos nessa exposição retrospectiva de arte ornamental e decorativa, que se publica — aliás bem pormenorizado! — no livro da sr.^a condessa de Almedina, com o inventário das galerias oficiais. Falta alguma coisa? Se falta, onde está? Milagrosamente, conseguimos salvar tudo? Melhor, sem dúvida!

Mas não parou nessa exposição a actividade admirável do conde de Almedina. Ei-lo pouco depois a trabalhar na organização do Museu Nacional das Belas-Artes, e o que a sua filha conta, com nobreza — porque quaisquer actos de amor pátrio constituem simples dever de todos os Portugueses — nós adivinhamo-lo. Vemos o conde de Almedina subir e descer as escadas dos ministérios do Terreiro do Paço, para que se compre o famoso São Jerónimo, de Alberto Durer, que é obra pertença da família dos Almedas, provedores da Casa da Índia desde o século XVI até 1880, e que estava na capela da casa e da quinta da Mal Partilha, em Azeitão, na posse de Alberto Henrique James de Oliveira, que o vendeu por 1.400 escudos.

Mesmo em 1880 já valia o dobro, mas, hoje o seu valor é incalculável, como todas as peças únicas dos grandes pintores universais.

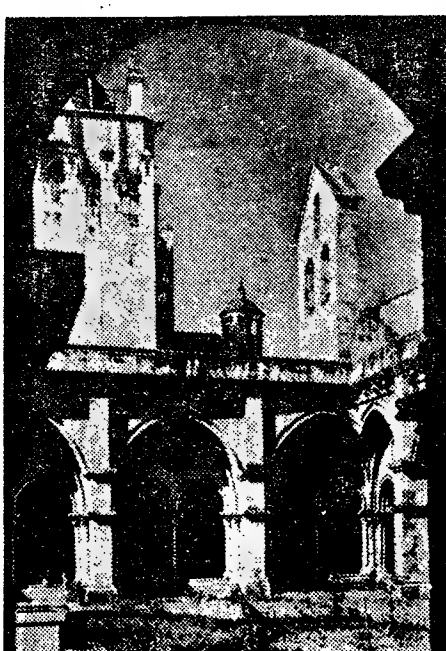
Mais tarde, o conde de Almedina adquiriu o famoso quadro de Degrain, «Otelio e Desdemona», bem desenhado e pintado, e assás representativo do gosto da época, que nós gostaríamos de ver mais vezes no Museu de Arte Contemporânea, como lição proveitosa, académica, sem dúvida, se quiserem até, «pompiere», mas forte de qualidades a reavivar o gosto dos canhestros da arte plástica, que vão para anarquia das formas — ai delas! — encobrindo uma visceral, uma patológica impotência estética, que outros, tais como eles, aplaudem, ou fingem aplaudir na praça pública porque julgam o novíssimo, que afinal é velhíssimo, se não larvar, temulento, confuso e abstracto — superior à eloquência da arte verdadeira, no seu genuíno esplendor de beleza.

É velloso, coitado, na actual Bienal de Veneza! Suscitaram em toda a Itália o país da arte, repita-se o lugar comum, uma onda fúndia de reprobção.

Deve, pois, a arte nacional ao conde de Almedina, pelos actos já referidos e por muitos outros — chegou a abrir gratuitamente um atelier para artistas e ele próprio — o era de mérito — uma organização museográfica e o enriquecimento.

Fez muito bem sua filha em lembrá-lo, neste livro, discretamente, com documentos da época, sem nunca cair no elogio, o que aliás se admitia em virtude do seu grau directo do parentesco.

O livro tem um modelar prefácio do brilhante escritor Luís Forjaz Trigueiros e reproduz numerosas críticas das primeiras exposições da Sociedade Promotora de Belas-Artes e do Grémio Artístico. É bem curioso lê-las. Os críticos de então sujeitavam todos os artistas a três pontos de exame: perspectiva, desenho e cor. Malhoa, com as suas exuberâncias de tintas, que saltavam do impressionismo, nem sempre é bem visto. Aqueles roxos, doirados e vermelhos alacres e ridentes da paleta — em que o artista sentia e não fotografava, ou tecnicolorizava a paisagem — são condenados, enquanto «O ultimo interrogatório



Um dos mais típicos claustros de gótico português

imagem arquitectónica, embora imobilizada. Por vezes, vemos nas ruínas dos foros da cidade eterna e nas suas praças, altas colunas soltas, independentes, que foram assim mesmo implantadas para glorificar um general vitorioso, que regressava de combater os dacios ou os gauleses. Não tiveram outra função, que a consagradora, alterosa sem dúvida, mas desmedida, sem proporções humanas.

Enquanto os Gregos erguiam templos aos deuses; os Romanos levantavam-nos aos homens. Assim, podemos dizer que ao fim espiritualismo, à razão pura, e beleza desinteres-

rizontualidade, como o romanico. Não são os vitrais incrustações do azul, do verde e do ouro celeste? Visões e transfigurações místicas, não tanto pelo que as figuras historiam, mas pela sua radiação, o seu fulgor?

O barroco, é bem espanhol, faustoso, sumptuoso, e, lembra, por vezes, uma pesada armadura tauziada, com relevos de figuras e de símbolos, que a tornam rica, galharda, fidalga, mas melhor para justas e torneios cortesãos, do que para as audaciosas expedições nos reinos de Montezuma, quando os conquistadores mandavam queimar as galeras, que os haviam transportado ao novo Mundo, desafiando assim o império da morte, donde não voltariam mais.

O nosso manuelino, que emergiu do gótico, é bem o estilo das descobertas — «Lusíadas» em pedra. O romanico, o gótico, o barroco perderam a origem. São já irreconhecíveis, na sua autenticidade original. Internacionalizaram-se. O manuelino, onde quer se levanta, afirma sempre o seu portuguesismo, pela caracterização dos elementos decorativos: religiosos, nobiliárquicos, marítimos e vegetais. Não os citamos porque todos os conhecem.

Se até aí a natureza física, na sua dupla morfologia geográfica e humana, era a única inspiradora da arquitectura, um novo tema passa a ser processado na pedra — o da fauna e da flora marinhas, bem como todos os aprestos da construção naval da época. Daí o terem chamado já às nossas igrejas manuelinas (talvez Reinaldo dos Santos) garbosas caravelas quinhentistas.

Vem tudo isto a propósito de um notável estudo: «A arquitectura gótica em Portugal», da autoria de Mário T. Chicó e Mário Novais, que a Editorial Sul, começou agora a publicar em fascículos. A obra tem carácter monumental. O estudo daquele estilo vai ainda no primeiro capítulo, mas vê-se que não é mera estilística, nem repisa caminhos já andados. Recordamos esta definição lapidária: «Em Portugal a época romanica é a época das catedrais e o próprio gótico das grandes abadias».

Está certo! Outras apreciações criteriosas, que inteiramente se justificam: «Sem esquecer as experiências romanicas, os construtores dos monumentos da segunda metade do século XII obedecem a outras formulas, a novos tipos de plantas e de combinações de volumes e a uma concepção do espaço interior que é também nova. Além do emprego sistemático do arco quebrado e da ogiva (que em muitos casos vai perdendo pouco a pouco o valor estrutural), a fragilização das paredes em que o vitral acaba por substituir a pedra, igualmente contribui para que as grandes naves do século XIII sejam mais elegantes, mais profundas e mais intensamente iluminadas que as do século XII».

Edição artística. Boas e numerosas gravuras acompanham o texto. Muito curioso o estudo da terminação das capelas imperfeitas, da Batalha, de Murphy — embora de um estilo um pouco inglesado, ou mais propriamente tudoresco.

Correspondência literária

Escreve-nos um leitor a propósito da referênci crítica que fizemos aqui ao livro de crónicas de Eduardo Teófilo, «Alentejo não tem sombras», dizendo que o título é extraído do cancioneiro popular da grande provincia sulina.

Há muito o sabemos, como de resto é do domínio geral. Supõe-nos o «alentejano caturra», tão ignorantes do rico folclore de sua provincia, como o seu comentário deixa antever? O que escrevemos, e repetimos, é que Eduardo Teófilo arranhou uma expressão lapidária para a sua obra, e que, portanto, foi felicissima na escolha do título.

ARTE

do marquês de Pombal», «grande máquina» espectacular é elogiado.

Mas tinham ralé os zoilos. Todos os artistas eram citados, e um deles, embora coberto de lisonjeiras flores a rainha D. Amélia, repara que, num dos quadros dela, há uma figura cuja indumentária é rígida, dura, sem naturalidade.

Tem o conde de Almedina, uma lápida, no Museu de Arte Antiga, assinalando os altos serviços que prestou à cultura nacional. Muito bem! Mas porque não dar o seu nome a essa, ou outra pinacoteca? Seja como for, não o devemos esquecer. Seu tio, o conde de Valmor, que bem menos fez, tem um busto, no Largo da B'iblioteca. Não o podíamos consagrar dessa maneira?

Investigação

A ARQUITECTURA GÓTICA EM PORTUGAL (1.º fascículo)

por Mário Chicó e Mário Moras

A arquitectura é uma das artes mais expressivas da vida. Veja-se, por exemplo, o romanico, pesado, forte, com qualquer coisa de marcial, e, até de bélico, que nos dá sempre a imagem forte e varonil dessa raça conquistadora. Os arcos de triunfo são emblemas de guerra, fundos de apoteose militar, aliás, quase sempre ilustrados por baixos, ou altos relevos, de combates e de invasões. As colunas não têm o mesmo carácter das helénicas. Enquanto estas são «estáveis», subordinadas ao traçado geral da construção erguendo-se para as alturas, como querendo sustentar a cúpula do céu, numa expressão de alegria, de serena glória, de tranquila majestade, as romanicas no geral, são baixas, pesadas, mesmo ventruadas, e também inumeráveis, como um exército em marcha, erigido de lanças, de montantes e de balsões. E o centurião, a falange dos consules surgem, nitidamente, na

sada, dos primeiros se opôs o materialismo estético, a imagem do humano, o alarde do poderio, dos segundos.

É claro que tudo isto são generalidades. Mas, se nos permittem, insistimos um pouco mais. Que é o gótico? Quanto a nós, em substância, é a primeira afirmação real do espírito cristão. A sua vitória sobre o mundo profano. Como que o seu nascimento artístico, a sua vinda à luz clara do dia. Emerge das trevas das catacumbas, da sombra das gehenas, dos presidios cezarianos, e canta — arquitectonicamente! Já não tem receio, tão luminosa, ardente, irreprimível é a sua oração, o seu triunfo sobre as almas. Quando nasce? Paralelamente às cruzadas! Quem o elabora? O povo, em grandes massas de artifices, com todo o seu primitivismo cristão, por vezes, até, revelando ainda as suas superstições e satanismos (gargulas de várias catedrais) na pedra esculpida. A ogiva, que destrói o arco contínuo da construção romanica, é, já o disseram muitos, a imagem das mãos em oração. De resto, todo o gótico é uma prece. Busca altura, verticalidade, e não resistencia e ho-



LIVROS DO MÊS

Na Colecção «MINIATURA»:

TRADIÇÃO, por André Maurois

Um livro que nos fala dos interesses e valores do trabalho, assim como dos poderes da tradição

Na Colecção «VAMPIRO»:

DIVÓRCIO SANGRENTO, por A. A. Fair

Pseudónimo de Erle S. Gardner, este livro revela uma nova e não menos interessante faceta do consagrado romancista

Na Colecção «ARCONAUTA»:

EXPLORADORES DO UNIVERSO, por Jon J. Deegan

Pela originalidade e arrojo do tema, esta obra é uma das mais sensacionais criações da Ficção Científica

CADA VOL. 12\$50. ATENDEM-SE PEDIDOS A COBRANÇA

«LIVROS DO BRASIL, LDA.» — Rua Luz Soriano, 53-57 — LISBOA

NOVIDADE

ENSAIOS

TOMO VII

de ANTÓNIO SERGIO

Um volume de 320 págs. 35\$00

Fornecemos a cobrança os tomos: I, 50\$00; III e IV, 15\$00 cada; VI, 25\$00

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA

Rua das Flores, 45 — LISBOA

VIDA RELIGIOSA

Romagem de enfermeiros portugueses às reliquias de S. João de Deus em Granada

Partiu para Granada, de autocarro, em romagem às reliquias de S. João de Deus, uma excursão de 35 profissionais de enfermagem e 7 alunas escolhidas entre as mais classificadas das escolas de enfermagem do País, promovida pelo respectivo Sindicato Nacional e sob o patrocínio do subsecretário de Estado da Assistência.

Dirigem a excursão os srs. Manuel Leão Branco e Julio dos Santos Pimenta, respectivamente, presidente do S. N. dos Profissionais de Enfermagem e redactor principal da «Revista de Enfermagem».

Realizar-se-ão em Granada, no próximo dia 4, algumas cerimónias de carácter religioso, cuja organização está a cargo dos Irmãos Hospitalares. Para esse efeito, deslocaram-se já àquela cidade alguns Irmãos da Casa de Saúde do Telhal. A direcção S. N. P. E. resolveu deixar, junto do Relicário de S. João de Deus, uma placa comemorativa da passagem dos enfermeiros portugueses.

VIDA MILITAR

Habilitações mínimas para o Curso de Sargentos Milicianos

Os mancebos inspecionados no corrente ano pelos 3.º e 4.º barrões de Lisboa e concelhos de Arruá dos Vinhos, Cascais, Loures, Mafra, Sintra, Oeiras, Sobral de Monte Agraço e Vila Franca de Xira, e apurados para todo o serviço militar e aptos para os Serviços Auxiliares do Exército, foram avisados de que o mínimo de habilitações literárias necessárias para o frequência do curso de sargentos milicianos é o 1.º ciclo dos liceus, 3.º ano das escolas comerciais e industriais ou sua equivalência, 3.º ano dos seminários, curso de feitor agrícola, 3.º ano do curso de habilitação às Escolas de Belas-Artes, etc.

Todos os mancebos que tenham aquelas habilitações ou outras a que lhes possa ser dada a respectiva equivalência, deverão apresentar no Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 1 (Rua das Necessidades, n.º 3), até 30 de Outubro do corrente ano, o certificado de habilitações literárias, a fim de serem considerados para a frequência do C. S. M.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

III Congresso Hispano-Português de Dermatologia

Em Santander, de 13 a 17 do corrente, vai efectuar-se a reunião conjunta da Academia Espanhola de Dermatologia e Sifilografia e da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia. Serão ali discutidos importantes problemas da especialidade, entre os quais os que se referem às dermatoses reumáticas e às tífias.

O nosso País estará representado pelos srs. professores drs. Mário Trincão e Juvenal Esteves, drs. Aureliano da Fonseca, Norton Brandão, Artur Leão, Cruz Cabral, Simões Carrelo, D. Maria Manuela Antunes e Mário Basto.

Novas instalações

no Aeroporto de Santa Maria

Por via aérea, seguiram hoje para os Açores os srs. engenheiros Castro Neves e Abrantes Pereira, respectivamente, director e engenheiro-chefe da Esso Standard of Portugal, de Lisboa, e dr. João Baptista da Silva, director da Construtora Moderna, que vão assistir, no próximo dia 4, no aeroporto de Santa Maria, à inauguração das novas instalações para fornecimento de gasolina à aviação, identicas às existentes na Portela, construidas para a primeira vez pela segunda daquelas empresas. Trata-se de uma realização excelente e moderna, que constitui mais uma demonstração da técnica portuguesa e da capacidade de trabalho nacional.

Emigrantes portugueses em barcos italianos

A propósito da notícia que com este título publicámos, em 27 do mês passado, relatando o que se passou com a venda, em Itália e em Vigo, de 200 lugares do «Caselo Bianco», que estavam marcados para Portuguezes que deviam embarcar em Lisboa—e que por isso tiveram de seguir no «Correntes».—põe-nos o nosso amigo sr. dr. Alexandre Pinto Basto, em nome da casa E. Pinto Basto & C.ª, agente-geral da «Itália», a maior de todas as empresas de navegação italianas, que goza de justo prestigio e têm a simpatia da Junta de Emigração, que esclareçamos que o procedimento a que fizemos referência não é usual nos barcos italianos, sendo, pois, injusta, qualquer generalização.

Concursos para construção de dois troços de estradas

No dia 14, realizam-se, na Junta Autónoma de Estradas, concursos para a construção da estrada nacional 244, laço entre Vale de Arco e Salteiros (distrito de Portalegre) e da estrada nacional 230, troço entre os quilómetros 130,539 (Pedras Lavradas, limite do distrito de Castelo Branco) e 140,641. Bases de licitação respectivamente: 2.863 e 1.200 contos.

O fabrico de pão em Évora

ÉVORA, 1.—Está em curso rigorosa fiscalização nas padarias desta cidade, por brigadas da I. G. A., a fim de se apurar a razão que motivou o aparecimento de pão mal fabricado e de mau sabor.

Depois da acção das brigadas, que aqui surgiram após a reclamação feita através da Imprensa, o produto tem melhorado de aspecto e de qualidade.

VIDA MUNDANA

DR. FERNANDO LACERDA

Parte hoje para os Estados Unidos, por via aérea, o sr. dr. Fernando Lacerda, que vai tomar parte no XVII Congresso Internacional de Oftalmologia, cujas sessões se realizam em Nova York e em Montreal (Canadá). Seguidamente, aquele oftalmologista visitará em missão oficial do Instituto de Alta Cultura, as clínicas da sua especialidade em Inglaterra.

TAUROMAQUIA

Seis novilheiros portugueses

Na sede do Grupo «Sector 1», Rua 1.ª de Dezembro, 85, 2.ª, continua a distribuição de convites para a festa do próximo domingo em Alge, com seis novilhos dos Irmãos Oliveira para seis aspirantes a novilheiros: José Trincheteira, Amadeu dos Anjos, Carlos França, Ludovino Bacatum, Armando Soares e José Julio.

e mais um...

VILLA NUEVA DEL FRESNO, 2.—Com novilhos de Arcadio Albarran, gordos, foi aplaudido o Português José Salomé, matando bem e cortando orelha. Alternou com Curro Frejonez, de Huelva, e foi seu peão o também Português Samarra, que bandarilhou bem.—(E.).

O abastecimento do País

Peixe no mercado de Santos

Ao cais do mercado de Santos, chegou o arrastão «Arrábida», com 85 toneladas de peixe, entre as quais 50 de marmota e 30 de cachucho.

O «Ilha de Maio» também chegou, com 85 toneladas, sendo 52 de marmota, que tem sido arrematada a preços inferiores aos da tabela.

O «Ilha do Pico» vendeu 1.791 caixas, com 77 toneladas, que renderam 290.685\$00.

Para a pesca partem: hoje, o «Santa Fé», e amanhã, o «Ilha do Pico».

COLÓNIAS BALNEARES

Em S. Julião da Ericeira

Para a Colónia Balnear Infantil «Dr. Mário Madeira», que funciona em S. Julião da Ericeira, seguiu mais um turno de 400 crianças de ambos os sexos, das várias freguesias de Lisboa, filhas das empregadas da Camara Municipal de Lisboa e da P. S. P. Vão estagiar durante um periodo de 20 dias e viajaram em camionetas da G. N. R.

Abundancia de trigo

ÉVORA, 1.—Embora com capacidade para 300.000 quilos, o celeiro da F. N. P. T. em Pavia não pode já recolher mais cereal—tal é a produção de trigo da presente colheita naquela área, onde os lavradores e seareiros estão a ser prejudicados por falta de numerário, visto não poderem entregar o produto manifestado, destinado ao consumo publico.

Este magno problema, segundo informações dali recebidas, poderia ser temporariamente remediado com o aluguer de celeiros particulares, que estejam disponiveis.

BOMBEIROS

ODEMIRA, 1.—A fim de assistirem ao XI Congresso dos Bombeiros Portuguezes, seguiram para Leiria, os srs. dr. Manuel Soares Gravato e Jaime dos Reis, respectivamente comandante e ajudante dos voluntários desta vila. O primeiro vai desempenhar as funções de secretário do referido congresso, na qualidade de secretário da assembleia-geral da Liga dos Bombeiros Portuguezes.

O «Sempre Fixe» de hoje



A primeira página de «Sempre Fixe» desta semana é uma interessantíssima «trouvaile» com que mestre Francisco Valença diverte o seu publico. Só vendo.

O começo da temporada de futebol dá também azo a algumas boas piadas, na página da Bola e até foia dela, focando o desporto favorito do nosso publico, sob diversos aspectos, mas sempre com graça e oportunidade.

Nas outras páginas, contos, anedotas, crónicas, «boutades» e toda a espécie de piada de que o leitor tanto gosta, sem falar das excelentes caricaturas do grande Stuart de Carvalhais e dos desenhadores estrangeiros com que fecha o magnifico semanário.

RECLAMAÇÕES LOCAIS

Monturos prejudiciais para a saude publica

ÉVORA, 1.—Junto ao troço da velha muralha fernandina, às Portas do Raimundo, existe, com prejuizo da hygiene publica e do bom nome desta capital, grandes monturos. Reconstituída a muralha em quase todo o perimetro da circunvalação, sempre muito visitada pelos turistas, impõe-se aos serviços officiaes que ordenem pronta e immediata limpeza ao respectivo local. É que, está em causa um problema grave: grave e desagradavel para o turismo e perigoso, como é obvio, para a saude publica.

Rotary Clube de Lisboa

Na reunião da próxima terça-feira, do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, o sr. José Octávio Rodrigues Vaz fará uma comunicação, intitulada: «Eslarecimentos e numeros estatísticos da nossa Tesouraria».

Hertig

UM AMIGO CERTO

AUTO-LITE

Equipamento eléctrico para automóveis

PREFIRA SEMPRE AS PEÇAS LEGÍTIMAS AUTO-LITE

PERFEITO FUNCIONAMENTO
LONGA DURAÇÃO
MAXIMA ECONOMIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73 A 79

LISBOA

O primeiro
vinho de mesa nacional

PÊ DA VINHA

VALBELO

CALDEIRA, L.ª

MOTOS MOTOS

MUITAS MOTOS
MUITAS MARCAS

Muita variedade de modelos
Tipos e origens diversas
GRANDES FACILIDADES
DE PAGAMENTO

AUTO-TRIUNFO

Rua de Santa Marta, 56-F

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

S. A. R. L.

Sede—Calçada do Duque, 20—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 408 obrigações de 3 1/2 %, emissão de 1946, desta Companhia, que foram retiradas da circulação para efeito da amortização do 1.º semestre de 1954:

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO	
N.º 38.737 a 38.751	15 obrigações
» 39.501 a 39.573	73 »
» 40.681 a 41.000	320 »

Total 408 obrigações

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

O Conselho de Administração

Knitter M2

APARELHO PARA TRICOTAR
AGORA

RUA DO TELHAL, 4-A

(a 50 passos da Avenida da Liberdade)

Telefone 2 5996

VITA Literária

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 10.ª página)

via—sem comer. Os médicos tinham diagnosticado nele uma «anorexia» nervosa. Simplicio não comia, a uma porque não tinha apetite, tinha um fastio mortal e, diga-se a verdade, mesmo que não fosse a tal «anorexia» como não tinha eia nem beira, não trabalhava, não queria que comer. Foi em Fevereiro de há quatro anos que, como veio nos jornais, se deu a espectacular conversão do Simplicio. Eu nunca mais o tinha visto e sucede que ele está aqui comigo em S. Fagundo a tomar as águas. Disse-me que se dá melhor em S. Fagundo que em Vichy onde foi o ano passado e acrescenta com um doce sorriso: «sempre são águas de Portugal». Eu gostaria que tu falasses com ele, que o ouvisse. Que calma, que serenidade e reflexão em tudo quanto diz! É um gosto ouvi-lo. A sua conversa é esmaltada de conceitos edificantes, de opiniões onde se reflecte o minar do estudo, a sensatez, a clareza, a objectividade. Aqui nas terras a opinião geral é a de que Simplicio é um homem superior. Como tu sabes esta opinião não é de agora. Desde há 3 anos que Simplicio é director da Grande Empresa Mineira da Varziela, da Companhia Geral de Cassiterite, e outros metais, da Fábrica Nacional de Cacau Sintético. E a Companhia de Crédito Rustico e Urbano fê-lo, aproveitando os seus talentos, membro do seu Conselho de Administração. Não parece o mesmo. Veste com uma impecável correcção. Os seus dizeres são conceptuosos e graves. É edificante conviver com um homem como o Simplicio. É uma convívencia proveitosa e cheia de ensinamentos. E o caso mais curioso é que Simplicio está gordo! Ele que era vítima da tal terrível «anorexia» está a comer e a comer muito bem, louvado Deus! Tanto que eu outro dia disse-lhe:

—O senhor Andrade, olhe que talvez lhe faça mal comer tanto.

E ele respondeu, com uma infinita doçura na voz:

—Olhe, senhor Malaquias, quando o comersinho é o fruto do nosso trabalho, do nosso esforço, com a graça de Deus, faz-nos proveito... Eu sinto-me tão bem, tão bem, que ainda era capaz de comer o dobro...

E é o ponto é que o deixem. Repito-te: gostaria que tu visse o Simplicio Andrade e comparasses este homem de hoje com o que tu conhecesse.

E então me dirias se há ou não «qualquer coisa no céu e na terra que tu não supões na tua filosofia» como se diz no «Hamlet». Teu amigo: Malaquias.

Malaquias tem razão. O caso do Simplicio Andrade não é raro. No fundo eu não sei a que pensar destes exemplos. O melhor é não pensar nada e arquivar apenas.

RAMADA CURTO

Exposição Canina Internacional do Estoril

no próximo sábado e no domingo

Com a colaboração do Clube dos Caçadores, a Sociedade Propaganda da Costa do Sol leva a efeito, no próximo sábado, no pinhal junto do ténis, a Exposição Canina Internacional do Estoril, certame que vai constituir, por certo, um grande «rendez-vous» mundano em virtude de, no domingo, durante o desfile dos exemplares concorrentes, se realizar o concurso «La belle et la bête», que é quase desconhecido em Portugal.

O júri é constituído, além dos juizes da secção de canicultura do C. C. P., pelo juiz do Kennel Club, de Londres, mr. Fred Cross, considerado grande autoridade em canicultura.

A PRIMEIRA VITIMA DO DIABO

Os nossos contos

(Continuação da 10.ª página)

soalheira, em que o mar quase não tem voz... Não, ela não sonha, a mulher vestida de preto. Não sonha, não lê, não tagarela nem faz renda. Segura entre as mãos grosseiras o cabaz onde espregueia a lividez da balança mesquinha, abre com angustia os olhos enormes onde há pânico sem compreensão e pergunta monocórdica a quem passa.

— Compra maçãs? Ninguém quer as tristes maçãs enfezadas, que foram colhidas antes do tempo e não seduzem. Ninguém a ouve repetir, maquinalmente. — Compra maçãs?

E a tarde continua soalheira e calma, como se o tempo não passasse. Ela, a mulher toda de preto, desce ao areal, numa tentativa desesperada. Leva atrás uma ninhada que ainda pede abrigo de asas. São quatro petizes, trajados de negro. Negro ruço, negro lavado, negro desbotado, mas sempre negro! Tropeçam atrás do vulto magro que escancara de toldo em toldo, de barraca em barraca, o misero cabaz.

— Compra maçãs, compra? Ninguém quer maçãs. Ela vai no fundo da praia, com a mercadoria, os filhos e as forças que a abandonam. As pernas recusam-se a proseguir na caminhada vã.

Atrás dela, a voz da ninhada preta. A voz, nas bocas e nas pontas dos dedos estendidos. — Maçãs, mãe... — Tenho fome, mãe! — Maçãs! — Maçãs!...

Ela fecha o cabaz, sofregamente; no gesto há a severidade da extrema afeição. — Não! Não lhes tocam! Se vocês comem as maçãs... amanhã não há dinheiro para o pão!

Assustadas, inquietas, as crianças detêm-se. Não entendem. Os olhos de todas quatro abrem-se maiores, muito negros. Negros também. Mas o negro desses olhos ri, ignora a miséria, resplandece em luz de diamante raro comprando o direito à vida, à vida que eles julgam apenas feita de sol, como essa tarde. Feita de sol onde vai haver sombra, porque não podem comer maçãs...

Estendida no colchão pneumático, avista em contra-luz o grupo imóvel. Por detrás dela só há a claridade do céu e das águas, e o sol.

Ela procura a máquina fotográfica, grita-lhes aressadamente.

— Não se mexam! Vai ser uma obra-prima! Senta-se, puxa as calças do fato de banho, regula a objectiva, dispara... E ri.

— Um retrato estupendo! Para deslumbrar as amigas!

A mulher não se move. Olha-a. Os pequenos encaram-se também. Antónia sente-se mal. Tem a impressão de que fotografou a dor.

E, de repente, interessa-se. — Esses pequenos são seus?

Por cima do cabaz das maçãs, a fisionomia envelhecida abre-se num clarão de orgulho. — Sim, senhora, são meus.

Antónia nunca teve filhos. Não compreende inteiramente a expressão feliz da pobre.

Vagamente, pergunta, por perguntar: — Andam de luto pesado?

— Perdi o meu marido, há sete meses. Agora estou só para os criar...

Os garotos cercam-na, envolvem-na como um anel de sorrisos candidos. A mãe fala e para eles nas palavras só existem sonhos. Têm maçãs, no cabaz, maçãs que não podem comer...

— Sou eu só que os sustento! Eu não tenho nada. Desfiz-me das louças e das roupas para vender fruta. Mas o negócio é mau... cada vez pior! São quatro a pedir pão! O dinheiro não dá para fruta boa e a freguesia desta não quer. Não compram nada... não há pão!...

Antónia repara que a mulher de preto é uma rapariga, talvez da idade dela, quicá mais bonita que ela... Mas as feições correctas estão alteradas pelo sofrimento, crestadas pela existência dura, sulcadas pelas lágrimas... Disparatadamente, indaga.

— O seu marido morreu há muito?

— Há sete meses.

— Tem razão! Já mo disse. E... foi no mar?

— Foi no mar, sem ser no mar.

Guarda o cabaz, aproxima-se da senhora, desabafa.

— Estava muito doente. Operaram-no... e os senhores doutores não queriam que ele voltasse a pesca! Diziam que não aguentava. Mas havia os filhos... ele precisava de ganhar para os pequenos, não tinha medo de nada. Insistiu na faina. Daí o mal. Naquele dia... eu adivinhava... não queria deixá-lo partir. Restava um nico de dinheiro... Chegava para uma sopa... Ele teimou... deu uma queda no bote... e lá no alto começou a vomitar sangue... Acabou nessa noite!

Os dedos ossudos sobem às faces, enxugando o pranto.

— Custou-me a crer! Era novo, tão meu amigo! Vivíamos um para o outro!...

Antónia engoliu em seco. Lembra-se do marido, tem ímpetos de levantar-se, deixar o descanso e correr para ele, para ele que a adora, que não quer largar o trabalho nunca, a fim de ganhar melhor e lhe dar tudo, sempre a ela, incluído as férias na praia e essa viagem ao estrangeiro que tencionava fazer sózinha porque ele não pode acompanhá-la...

A mulher prossegue.

— Fiquei sem ele, assim. Vendi-lhe os fatos para fazer o funeral, e pronto! Agora arrasto-me pra' aí, com as crianças... as crianças, que são tudo o que me resta dele! Ora diga, minha senhora, que hei-de fazer?

Antónia não sabe, não sabe nada. Pensa que fotografou realmente a dor. E que ela não possui nada, nada do seu Manuel, nada, porque tem medo das responsabilidades, dos trabalhos, das exigências da maternidade... e não quis nunca dar-lhe essa imensa alegria...

Nesse instante a mulher puxa pelo cabaz, disposta a levantar-se, e continuar no esforço inútil. E solta um grito.

— As maçãs! Poucas restam, no fundo do cesto. As quatro crianças, impelidas pela fome, sem entendimento, sacrificaram-nas ao pão que ninguém lhes dá.

A mulher torce as mãos. Compreende e, desalentada, diz apenas.

— Coitadinhos! Antónia sente um nó na garganta, a crescer, a crescer... Ergue-se, pega no saco listrado, vistoso, procura o porta-moedas, tira a nota que lá está, estende-a ao mais pequenino dos pequerruchos.

— Toma, dá a tua mãe. Paga-lhe as maçãs. Não espera agradecimentos. Enfia a saia e a blusa, despeja o colchão pneumático, foge, foge da praia...

Quer esquecer que, ali, nada mais pode fazer.

A ligação demora. Ela trepida, impaciente. Fala em catadupas.

— Regresso daqui a bocado... E já não quero ir para a minha viagem... não quero, sem ti! Não... não estou doente... não aconteceu nada! Volto para a nossa casa... é lá o meu lugar... ao pé de ti, ao pé de ti, Manuel!

O contra-luz ficou realmente uma obra-prima, digna da ampliação.

Manuel não sabe que lhe deve a presença da mulher. E a promessa daquele filho que vai nascer. Não adivinha que ao fotografar a dor foi que Antónia de repente compreende que a verdadeira felicidade merece ser vivida enquanto há sol na tarde e juventude no sangue em a morte chegando diz: agora é tarde de mais!...

Recintos de diversões

A artista Marcia Condessa, proprietária do Festa Brava, dedica o espectáculo desta noite ao seu colega Filipe Pinto, por já estar resbelecido da doença que o reteve durante muito tempo no Hospital de Santa Marta. Entre os artistas que colaboram neste festival, figuram Adelaide Faria, Teresa Nunes, Fernanda Maria Helena Tavares, Xavier Pinto, Jorge Silva e Mário Rocha.

— O empresário António Cipriano está a elaborar o elenco artístico que vai actuar na Cervejaria Luso e no Salão Salvaterra.

— Estão a actuar no Nau Catrineta, a actriz-cantadeira, Emilia Candéas e Tristão da Silva.

O romance de Soror Mariana e o Mosteiro da Conceição

(Continuação da 3.ª página)

houve na Pax Julia uma rede notável de esgotos. Recentemente, até, quando se fizeram obras de saneamento, houve quem pensasse em aproveitar essa rede milenária, a que não faltava, sequer, lá longe do antigo burgo, uma espécie de estação depuradora, abrigada de ventos para impedir a vinda de resíduos e maus cheiros para a cidade. Mas, daí a pensar que, há trezentos anos, Chamilly atravessava esses caminhos subterrâneos, infectos e imundos — ou os outros, reservados a conduzir as águas das cisternas — vai uma distancia enorme. Está a ver em que estado appareceria diante da freira, para lhe cantar aquelas doces e perfumadas trovas de adormecer o coração... Não haveria sonho, poesia e amor que resistissem ao mau cheiro, ao desalinho da «toilette» e aos banhos — Deus saberia de que natureza! — deste Romeu de canos de esgoto... Enfim, não há um documento que fale destes amores, desconhecidos do povo, até final do século passado... As versões sobre a identidade dos protagonistas devem ter chegado a Beja só então e as «Cartas» é de supor, só cá devem ter entrado muito depois da morte de Mariana. Pelo menos, não há conhecimento de nenhuma raridade bibliográfica. Quem a podia guardar? Os Mira? Os Belard da Fonseca? Olhe que poucos mais... Lembre-se de que os letrados em Beja foram sempre poucos e que, aqui há pouco mais de cinquenta anos, havia coroneis que não sabiam ler. Punham a espada mas eram lavradores.

Com os ouvidos às paredes do convento...

E, seguindo a sua lógica: — Como era possível que Chamilly estivesse em Beja, sem dar nas vistas nem levantar suspeitas, durante três anos, se nada tinha que fazer aqui? Agora admita que os Alcoforados, os pantofoas e os Meios, tudo genê de sanha e arruaça, conseguiram destruir os documentos de amor. Não acredite que um homem durante três anos, pudesse entrar e sair por quaisquer vias, no mosteiro da Conceição, sem levantar um clamoroso escândalo, perdurável na memória do povo, até ao dia de juízo final! Beja era, então, um tempo do que é hoje. Fora dos muros, nada existia. Não se pode admitir que tendo a cidade cosuvilheira o ouvido encostado aos muros e portas do convento, não desse pela entrada e saída de um homem, pelas tantas da noite. Eu garanto-lhe que, sendo os nossos tempos bem diferentes, ainda hoje não é possível uma mulher da minha rua abrir a porta surreteiramente, pela noite adiante. Pela manhã, toda a vizinhança o sabe e, durante muito tempo, toda a cidade não falará de outra coisa...

E o sr. Abel Viana apoia as suas duvidas neste novo raciocínio:

— Como era possível que uma freira, tão de menina entrada num convento e sem mestres, soubesse tanto e tão bem o que outras ainda hoje não saberão, a respeito dos homens, do Mundo, dos factos e do amor? Beja não era Lisboa e muito menos Paris. Aqui, a mulher era escrava e, ainda há uns quinze anos, não saía de casa, se não fosse bem escoltida. Admite-se que fosse assim desenraizada do meio, uma pobre freira, enclausurada aos onze anos, como se diz? Em conclusão: acho as «Cartas» tão intimas, tão sinceras, tão verdadeiras, tão descaradas, que uma mulher só podia escrevê-las... se as inventasse.

— Mas a irmã, Maria Peregrina, que foi abadesa, diz-se que não foi só bonita mas também literata...

— Isso é outra fantasia de Manuel Ribeiro. Dela sabe-se tanto como de Mariana. E olhe que da senhora abadesa não correm romances de amor que justifiquem a raiva perseguidora para abafar a sua memória...

E acabou-se, leitor, a nossa reportagem. Por muitos séculos ainda, litigar-se-á a herança desta freira, para o senado das letras portuguesas. Uns acreditarão que ela amou e escreveu as mais lindas cartas de amor. Outros rir-se-ão do embuste com repúdio da versão; uns por amor e sensibilidade quererão acreditar; outros por cálculo racional, como São Pedro negarão tudo. E, entretanto, perder-se-á na memória dos vivos, a imagem que fomos buscar a Beja e a opinião que lá colhemos, Mariana Alcoforado, entretanto, sobrepõe-se a todas as opiniões e a sugestão literária da sua vida sentimental perdurará para lá deste itinerário romântico...

Principais autores consultados: Saint-Simon, Forestier, Filinto Elísio, Pinheiro Chagas, Luciano Cordeiro e Manuel Ribeiro.

Na próxima semana — IV jornada — A Flor da Murta.

A PRIMEIRA VITIMA DO D'ABO

beja
SABUGA
ÁGUA DE SINTRA

NOVIDADE LITERÁRIA

ANA SEGHERS

Romancista de «SÉTIMA CRUZ»

Acaba de aparecer na

ANTOLOGIA DO CONTO MODERNO

Um volume de magnífico aspecto traduzido e prefaciado por ILSE LOSA

Edição ATLÂNTIDA — COIMBRA

Preço Esc. 20\$00



O CARTUCHO

DOS TIROS PERFEITOS

COM FULMINANTE «SINOXID» (ANTI-CORROSIVO) E PARA QUALQUER TIPO DE POLVORA

Melhor distribuição — Máxima penetração
SEM AUMENTO DE PREÇO

A. M. SILVA

ARMEIRO

RUA BETESGA, 1—LISBOA—Telef. PBX 31313/4

ARMAS — MUNIÇÕES — CAÇA — PESCA
DESPORTO

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE E MAIOR
SORTIDO TEM



5.000

FRIGORIFICOS POR DIA

É A PRODUÇÃO ACTUAL
«WESTINGHOUSE»
O melhor dos melhores

- * Há 25 anos mantém o «record» da economia
- * Protecção contra alterações de corrente
- * Modelos «standard» e de luxo
- * Descongelador automático
- * Fecho electrónico



A MARCA QUE É UMA GARANTIA

Samamede, Lda

RUA NOVA DE S. MAMEDE, 74-B
TELEFONE 63193 — LISBOA

SOCIEDADE GERAL

Navio-motor ALFREDO DA SILVA

para: S. Vicente, Praia e Bissau (Via Leixões) recebe a carga na Doca de Alcantara nos dias 6, 7 e 8 de Setembro.

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Navio-motor BELAS

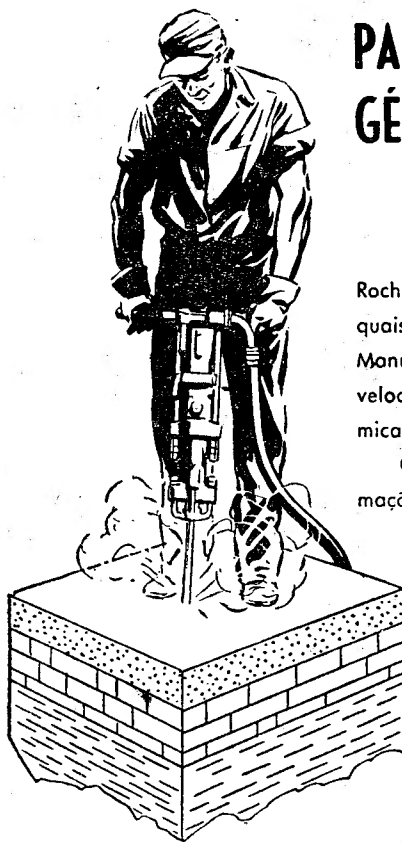
para: Príncipe, S. Tomé, Landana (se convier), Ambriz, Luanda, P. Amboim, Lobito e Moçamedes (Via Leixões) recebe a carga na Doca de Alcantara nos dias 6, 7 e 8 de Setembro.

Recebe passageiros

Chamamos a atenção dos Senhores passageiros para as disposições em vigor, acerca do transporte de bagagens

Tratar em:

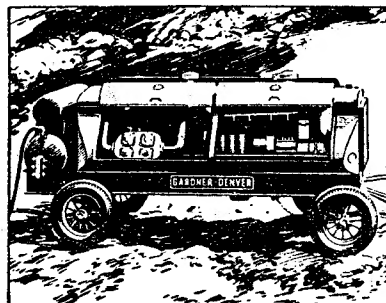
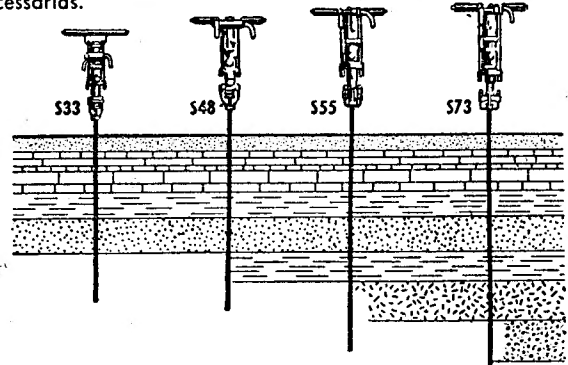
LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Tel. 26314-5
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 82 — Tel. 27363



PARA ABRIR FUROS EM TODO O GÉNERO DE ROCHAS DA FORMA MAIS ECONÓMICA

Rochas rijas e macias — furos pouco ou muito profundos — seja quais forem as condições para furar — um destes Perfuradores Manuais Gardner-Denver representa o conjunto mais ideal de velocidade, peso e potência para furar rochas rápida e economicamente.

Consulte o nosso representante, pedindo-lhe todas as informações necessárias.



Os Compressores de Ar Comprimido Portáteis Gardner-Denver são de alta resistência e trabalham em todas as condições atmosféricas e altitudes.

Os Perfuradores nunca ficam secos quando o Lubrificador Automático LO12 lubrifica a tubagem de ar comprimido — sempre que for necessário.



DESDE 1859

GARDNER-DENVER

Gardner-Denver Company, Export Division:

233 Broadway, New York 7, N. Y., U.S.A.

Gardner-Denver Company, Quincy, Illinois, U.S.A.

COMPRESSORES, BOMBAS E PERFURADORES DA MAIS ALTA QUALIDADE

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL:

CASTOR LAORDEN BESGA

16-C, RUA D. FILIPA DE VILHENA, 16-D • LISBOA

Ad No. 40

Domingo, 5 de Setembro
«Expresso-Popular»

a
LUSO E CURIA

Esc. 80\$00

HCRARIO

Partida da estação de Lisboa-Rossio às 7.08. Regresso á mesma estação às 0.55 do dia 6.

Edições da Renascença Gráfica

RUA DA ROSA, 57, 2.ª

ALBUM DE CARICATURAS, por Francisco Valença... 10\$00
PORTUGUESES EM ROMA, por Norberto de Araújo... 10\$00
O LIVRO DO NOSSO AMOR, por Silva Iavares... 8\$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO, por Norberto Lopes... 10\$00
BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por João Paulo Freire (Mário)... 20\$00

Pedidos á

RENASCENÇA GRAFICA

RUA DA ROSA, 57, 2.ª

Mafr e Ericeira

Todas as estações de Caminhos de Ferro aceitam a despacho mercadorias para a vila de Mafr e para a povoação de Ericeira.

No Despacho Central instalado na vila de Mafr aceitam-se a despacho mercadorias para qualquer estação de Caminho de Ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse utilize este serviço combinado.

DINHEIRO

COLOCA S. AUTOMÓVEIS E PRÉDIOS 1.ª HIPOTECAS A FINANCIADORA
TELEF. 24446 — LISBOA

7 razões que só por si recomendam o uso do

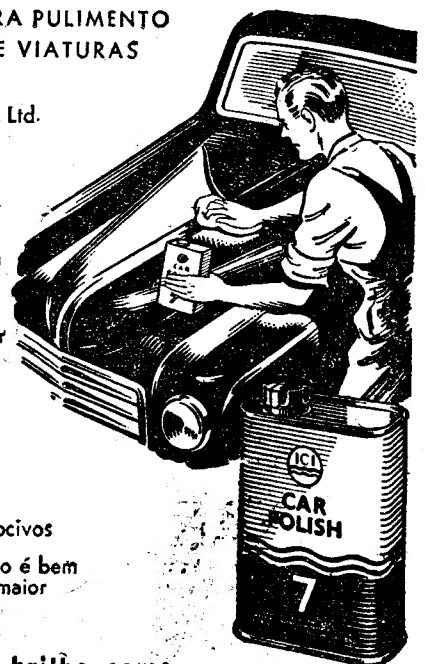


Polish n.º 7

PARA PULIMENTO
DE VIATURAS

Fabricado pela
Imperial Chemical Industries, Ltd.
de Inglaterra

- 1.ª — Limpa e pule numa só operação
- 2.ª — Produz uma camada protectora sobre a superfície das pinturas
- 3.ª — É muito fácil de aplicar
- 4.ª — Restitue o brilho às pinturas com uma única aplicação
- 5.ª — É verdadeiramente resistente contra a acção do tempo
- 6.ª — Não contém esmeris nocivos
- 7.ª — O seu custo e aplicação é bem compensado por uma maior duração das pinturas



Dê ao seu carro um brilho como se fosse para uma exposição, com este fino pulimento

Distribuidores exclusivos para Portugal

AUTO-INDUSTRIAL, Lda

COIMBRA — LISBOA — PORTO — LEIRIA



DIÁRIO DE LISBOA

O SEGREDO

Eden estava agora a passar no Tirol austriaco as suas férias, que teve de interromper por motivo da actual crise internacional. Encontrou ali um jovem austriaco, de 9 anos, que, além da sua própria língua, já tinha aprendido o bastante para falar a vontade o francês, o inglês e o russo—as dos quatro ocupantes do país. O pai do pequeno, muito lisonjeado, um dia em que o chefe do Foreign Office lhe gabava as habilidades do filho, desvendou os seus projectos:

—Realmente, o meu filho tem uma habilidade extraordinária para falar todas as línguas. Tenho pensado por isso que talvez se possa encaminhá-lo para a vida diplomática...

Eden, amadurecido pela experiência, desabafa:

—Não sei, meu amigo... Olhe que, para ser um bom diplomata, mais do que falar muitas línguas, o importante é saber calar-se em todas...

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE: Há nevoeiros no Norte do continente português e o Céu está limpo no resto do País por influência de uma massa de ar tropical marítimo-quente, limitada a Oeste por um sistema frontal que se desloca para Nor-Nordeste.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

NAS PROVÍNCIAS DO NORTE: Céu com algumas nuvens, nublando-se para o fim da tarde. Vento bonançoso a moderado do quadrante Sudoeste, com possibilidade de chuvisco durante a noite.

NAS PROVÍNCIAS DO CENTRO E DO SUL: Céu geralmente limpo e vento fraco variável. Em todo o continente, pequena subida de temperatura.

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA—As 18 Danças; 18 e 45, Orquestras típicas; 19, Desdobramento; 20, Jornal Sonoro; 20 e 15, Zarzuelas; 20 e 45, Orquestras ligeiras; 21, Notícias; 21 e 15, Desdobramento.

Programa «A»—As 19, Notícias; 19 e 5, Canções de Paris; 19 e 20, Marchas; 19 e 30, Repetição de um programa da série «As Grandes Figuras da Humanidade», por Miguel Trigueiros; 20, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos de piano; 21 e 30, Música de arco; 21 e 45, Concerto histórico de música portuguesa, em que tomam parte a Orquestra Sinfónica Nacional, o Coro Polyphonia, a pianista Helena Moreira de Sá e Costa e as cantoras Maria Germana de Medeiros e Natália Viana, sob a direcção dos maestros Pedro de Freitas Branco e Mário Sampaio Ribeiro. Este concerto, dado em gravação dos nossos serviços, foi organizado pelo Círculo de Cultura Musical; 23 e 5, «Duas Gerações», diálogo de Barradas de Oliveira; 23 e 20, Segunda parte do concerto histórico de música portuguesa. No final: Notícias, encerrando em seguida.

Programa «B»—As 19, Concerto em si bemol maior, Mozart; 19 e 25, Música coral sinfónica; 19 e 50, Notícias regional; 20, Junção dos emissores; 21 e 15, «Que quer ouvir?», programa organizado por Nuno Fradique, com os discos pedidos pelos ouvintes; 21 e 45, Presença do Passado, pelos d. João Ameal e Domingos Mascarenhas; 22 e 15, Album Musical; 22 e 45, Viagens ao Mundo da Dança, programa de Rui Bandeira e Fernando Teles de Castro; 23 e 15, Danças; 23 e 50, Notícias; 0, Encerramento.

RÁDIO CLUBE—As 18, Concerto; 18 e 45, Variedades; 19 e 15, Língua portuguesa; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Conjuntos; 20 e 30, Produção Sonante; 21, Vozes de Portugal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Música de baile; 0 e 30, Solistas; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 as 0. POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 as 19 e 30, Rádio Graça; das 19 e 30 as 22, Voz de Lisboa; das 22 a 1, Clube Radofónico de Portugal.

Limpeza e restauro de carpetes

V. Ex. vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias.

Consulte os serviços técnicos da

FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTAO

Pedidos aos escritórios: Rua Conde de Redondo, 64, 2.º, Dt.º—Telef. 45359.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Para o seu automóvel

VELAS

CHAMPION

DE IGNIÇÃO TOTAL

ETP VA

Os Fatos Usados

de homem e rapaz, calçado, etc., que V. Ex. tem para vender, será pago conscienciosamente, se nos chamar pelo T. 33985.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

TEATRO

MONUMENTAL—A's 21 e 45—«Perdeu-se um marido».

CINEMAS

TIVOLI—«Tempestades».
EDEN—«Inimiga».
SAO JORGE—«A bomba-relógio».
IMPERIO—«A grande noite de Casanova».
CONDES—«Sangue na arena».
MONUMENTAL—«O fio de espada».
ODEON e PALACIO—«Paraiso roubado».
CAPITOLIO—«Não posso casar com todos».
OLIMPIA—«Maldição de S. Francisco».
PROMOTORA—«Dama marcada».
TERRASSE—«A furia do Desejo».
CHABY (Algueirão)—«O direito de nascer».

DESPORTOS

S. BENTO (C. N. Natação)—As 21 e 30—Conclusão da gincana juvenil de natação.

QUER UM CONSELHO?

Para limpar móveis antigos, é de aconselhar o seguinte preparado: álcool, 1 litro; óleo de linhaça, 20 gramas; pedra pomar em pó, 100 gramas; ácido sulfúrico, 5 gramas. Empapa-se um pedaço de flanela nesta mistura e com ela se esfrega bem o móvel. A limpeza opera-se logo, convindo que, para maior durabilidade, se passe por cima uma camada de verniz.

BOLSA DE LISBOA

VALORES Efectuado Compra/Venda

Fundos do Estado

Consolid. 2 3/4 % I. 10...	806\$	805\$5	807\$
Consolid. 3 % I. 10...	885\$5	885\$	885\$5
Consolid. 3 1/2 % I. 10...	995\$	994\$	996\$
Centenários 4 % 1940...	2.173\$	2.171\$	2.173\$
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	970\$	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	970\$	980\$
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	980\$
Externo 1.ª série...	—	1.328\$	—
Externo 1.ª série car...	—	1.330\$	1.334\$
Externo 2.ª série...	—	—	—
Externo 2.ª série car...	—	1.325\$	—
Externo 3.ª série...	—	—	—
Externo 3.ª série car...	—	1.442\$	1.460\$
Caut. 3.ª série s/juro...	—	180\$	190\$

Obrigações

Agua de Lisboa 5 %...	—	510\$	512\$
Norte de Portugal 5 %	106\$	105\$5	106\$
Gás e Electricid. 3 3/4 %	—	958\$	—
Gás e Electricid. 4 %...	980\$	975\$	985\$
Gás e Electricid. 4 1/2 %	1.006\$	1.005\$	1.007\$
Gás e Electricid. 5 %...	—	1.025\$	1.038\$
U. E. P. 3 3/4 %...	—	93\$	—
U. E. P. 4 % 1945...	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948...	97\$	96\$5	97\$
U. E. P. 4 1/2 %...	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951...	—	101\$	103\$
U. E. P. 5 % 1952...	—	—	103\$

Ações

Fidelidade...	—	—	115.000\$
Mundial...	780\$	775\$	780\$
Nacional...	—	2.600\$	2.800\$
Sagres...	—	—	—
Tagus...	—	3.300\$	—

Bancos

Alentejo...	—	385\$	—
Angola...	655\$	650\$	660\$
Espírito Santo...	—	6.100\$	6.800\$
Lisboa & Açores...	2.800\$	2.770\$	2.850\$
Portugal...	—	2.150\$	2.400\$
Ultramarino...	595\$	594\$	596\$

C.ª Diversas

Agua Lisboa 1934...	—	220\$	225\$
Agua Lisboa 1936...	—	—	—
Cimentos Tejo...	—	410\$	—
Cimentos Leiria...	—	465\$	475\$
Crédito Predial...	475\$	473\$	475\$
Elect. das Beiras...	1.455\$	1.450\$	1.460\$
Gás e Electricidade...	219\$	218\$5	219\$
H. Alto Alentejo...	1.455\$	1.45\$	1.46\$
H. E. Cávado...	—	—	1.415\$
H. E. Zézere...	1.300\$	1.295\$	1.305\$
Industrial Aliança...	—	—	—
Portugal e Colónias...	460\$	460\$	461\$
Nac. de Electricidade...	—	1.285\$	1.300\$
Nac. Navegação...	1.281\$	1.280\$	1.283\$
Col. Navegação...	645\$	645\$	650\$
Port. de Pesca...	—	1.230\$	—
Port. Tabacos...	443\$	442\$5	443\$5
Tabacos de Portugal...	585\$	583\$	587\$
União Elect. Port...	258\$5	258\$	259\$

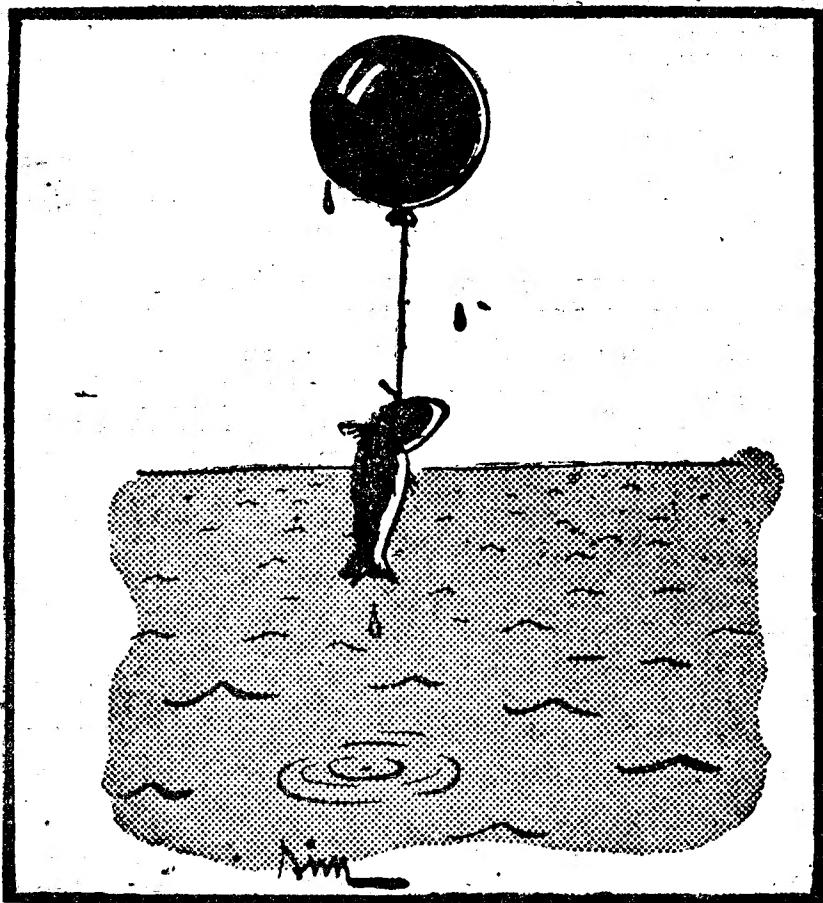
C.ª Ultramarinas

Ag. Casseque...	1.818\$	1.818\$	1.820\$
Ag. das Neves...	—	—	1.860\$
Agricultura Colonial...	—	—	1.700\$
Açúcar de Angola...	—	3.450\$	3.480\$
Boror...	—	682\$	692\$
Cabinda...	470\$	465\$	472\$
Col. do Buzi...	276\$	275\$	277\$
Ilha do Príncipe...	—	—	2.700\$
Moçambique...	192\$5	192\$	193\$
Zambézia...	168\$	167\$	168\$5

J. BURNAY, LDA. Papéis de crédito
Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL-Gravador—R. Nova do Almada, 64—LISBOA. A casa que melhor trabalha.



Cansado de viver...

HÁ TRINTA ANOS

São Boaventura recordava no «Diário de Lisboa» de 2 de Setembro de 1924 aqueles jantares que ele comia no «Suisso» com Chaby Pinheiro, por três tostões cada um, e contava que Filho de Almeida aconselhava então o grande actor a ir até ao Brasil, porque Portugal não podia sustentar tão enorme artista.

E acrescentava:
—O pior é o clima, tu és tão gordo...
E Chaby respondia imperturbável:
—Deixa lá. Mando primeiro a metade e, se me der bem, vou depois todo inteiro.

FARMACIAS DE SERVIÇO

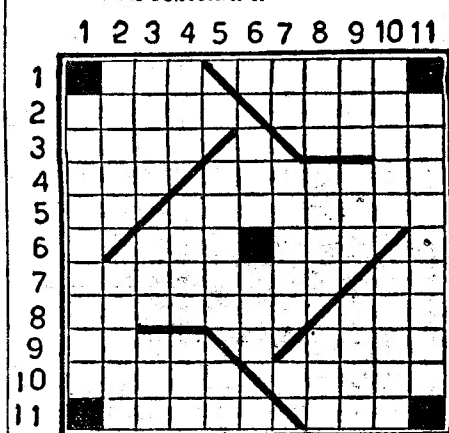
TURNO C—Sousa—Estrada de Benfica, 429-431—Tel. 58-027; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35—Carnide—Tel. 58-181; Laranjeiras (Das)—Rua de Filipe da Mata, 160-162; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77—Tel. 79-480; Alentejo—Avenida da Igreja, 28-B—Sítio de Alvalade—Tel. 77282; Campo Pequeno (Do)—Avenida da Republica, 58-B-C—Tel. 71661; Onilda—Avenida de João XXI, 13-A—Tel. 77848; Universal—Rua do Actor Taborda, 5-7—Tel. 44158; Novais—Avenida de Luis Bivar, 11-13—Tel. 44324; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19—Tel. 399237; Conceição—Calçada de D. Gastão, 30-32—Tel. 39279; Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100—Tel. 845124; Silva—Calçada de Santo André, 16—Tel. 26474; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87—Tel. 842725; Mariuz—Calçada da Picheleira, 140-B-C—Tel. 840703; Bastos—Rua de Moraes Soares, 91-D—Tel. 844350; Castro—Avenida do Almirante Reis, 76-A-B—Tel. 44373; Peninsular—Campo dos Mártires da Pátria, 117-118—Tel. 53308; Albano—Rua da Escola Politécnica, 59—Tel. 26750; Salutar—Rua B, 75-A-B—Bairro da Liberdade; Judice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A—Tel. 44424; Lináida—Rua de Ferreira Borges, 32-34—Tel. 60955; Gouveia—Rua de D. Maria Pia, 514—Tel. 64949; Ocidental—Rua de D. Jerónimo Osório, J. P. M. 3—Tel. 36256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326—Tel. 38193; Costa—Rua dos Lusitãos, 32—Tel. 36474; A. Cesar—Rua do Prior do Crato, 47—Tel. 60187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes, 90—Tel. 62327; Mota Capitão—Rua de S. Félix, 87—Tel. 60720; Fénix—Rua da Cruz dos Poiais, 52—Tel. 21031; Sanitas—Praça Luis de Camões, 24—Tel. 22798; Liberal—Avenida da Liberdade, 217-219—Tel. 43641; Monteiro—Rua da Mouraria, 35—Tel. 28787; Portugal—Rua Augusta, 216-218—Tel. 22073.

Pensão Monumental

Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21 Tel. P. X. 29807

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 4284



HORIZONTAIS: 1—Oceano. Musica completa das partes das missas cantadas pelo coro. 2—Oportunidades. Quelha. 3—Icei. Cruéis. 4—Fluido aeriforme. Espécie de falcão (pl.). 5—Artigo definido. Pusgra em ordem. 6—Sapo do Amazonas. Obstáculo. 7—Novelas. Aqui. 8—Dariam mios. Ofertar. 9—Enfeito. Estado do Brasil. 10—Ecoara. Vila e concelho do distrito de Viseu. 11—Transpirar. Comparsas.

VERTICAIS: 1—Melindramos. 2—Caixas de madeira forradas para roupas. Naípe das cartas de jogar. 3—Clima. Gosta muito de. Navio antigo. 4—Soberano. Lavar. Prega. 5—Tornei brilhante. Semelhança. 6—Estabelecimento de bebidas. Cabelos brancos. 7—Quarto. Lancem vapor. 8—Textualmente. Patroas. Progenitor. 9—Ente. Chefe abexim. Era. 10—Abalar. De altos preços. 11—Atribuíram aleivosamente.

Solução do problema n.º 4283
HORIZONTAIS: 1—Haia. Grécia. 2—Aro. Era. Are. 3—Vã. Avaro. Ad. 4—Atacara. 5—Armada. Agá. 6—Mia. Imã. 7—Adi. Gostar. 8—Odiaria. 9—Os. Aorta. Lá. 10—Sua. Déa. Más. 11—Idolos. Vara.
VERTICAIS: 1—Haviám. Cosi. 2—Ara. Ria. Sud. 3—Ia. Amado. Ao. 4—Alta. Ida. 5—Eva. da. Iodo. 6—Graça. Gares. 7—Rara. Porta. 8—Ora. Sia. 9—Cá. Agita. Ma. 10—Ira. Ama. Lar. 11—Aedo. Arrasa.

Blusons de Veludo

Alemães

TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

LUZ FLUORESCENTE

GRANDE COLEÇÃO

De

Admiráveis candeeiros fluorescentes em plástico e um inédito sortido de plásticos de surpreendente efeito em instalações de luz indirecta em tectos, montras, etc.

PRODUTOS DA GRANDE FABRICA ITALIANA «BELMAG»

Distribuidores para Portugal:

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA

Praça da Alegria, 44-1.º — TL. 34774 — LISBOA

A DEFESA DA EUROPA OCIDENTAL

A proposta britânica para a reunião de uma conferência sobre o rearmamento alemão

(Continuação da 1.ª página)

da votação da Assembleia Nacional a respeito da C. E. D. Bourges-Maunoury, Hugues e Claudius-Petit ainda não tomaram uma atitude definitiva. Os observadores pensam que os três ministros da U. E. R. só marcarão posição depois de um Conselho de Gabinete que se reúne amanhã ou na segunda-feira. Pensa-se que a saída dos três ministros partidários da C. E. D. atrasaria o regresso ou a substituição dos três ministros adversários do tratado: general Koenig, Chaban-Delmas e Lemaire, que se demitiram em 18 de Agosto.—(F. P.).

As reacções em Washington

WASHINGTON, 2.—As informações de Londres a respeito da iniciativa de sir Winston Churchill são recebidas com interesse, mas não foram ainda objecto de comentários oficiais. Entretanto, nos círculos diplomáticos acentua-se que a iniciativa é conhecida 24 horas depois do pedido americano de convocação do Conselho da N. A. T. O. Poderia constituir uma boa preparação do terreno, porque as modalidades de uma participação da Alemanha ocidental na N. A. T. O. não são fáceis de determinar.

A rapidez com que se manifestou a ideia de uma solução atlântica do problema posto pelo malogro da C. E. D. contribuiu para amortecer o «choque emotivo» provocado em Washington pela decisão do Parlamento francês. No entanto, a garantia de Mendès-France de que a aliança atlântica continuava a ser a base da política externa francesa foi registada nas altas instâncias, muito embora Foster Dulles não lhe tenha feito referência anteontem.—(F. P.).

Satisfação em Paris

PARIS, 2.—O projecto de uma conferência de «Oito», conhecido a noite passada em Paris, foi bem recebido pelas esferas autorizadas. Ignora-se ainda o conteúdo exacto das propostas britânicas mas o princípio de uma conferência de «Oito» acerca da Alemanha é comentado favoravelmente naquelas esferas.—(F. P.).

Concordância em Roma

ROMA, 2.—A intenção atribuída à Grã-Bretanha de propor a reunião de uma conferência dos «Oito» é comentada com o maior interesse nesta cidade. O projecto corresponde, em primeiro lugar, ao sentimento manifestado em todos os círculos políticos de que a Inglaterra compete a iniciativa de tentar pôr termo à situação criada pela rejeição da C. E. D. pela Assembleia Nacional francesa. Por outro lado, a iniciativa britânica concorda com a opinião ontem manifestada pelos círculos responsáveis: o melhor meio de realizar a segurança europeia seria admitir a Alemanha democrática num «sistema ocidental eficaz» e isto em pé de igualdade. Ora, é precisamente o que pensaria o Governo de Londres ao propor a convocação de uma conferência que se destinaria a permitir a entrada da República Federal alemã na N. A. T. O.—(France Presse).

Comentários franceses

PARIS, 2.—A proposta de Londres para uma conferência de «Oito», destinada a estudar o problema da participação alemã na defesa europeia, por um lado, e os pedidos do chanceler

Adenauer, reclamando nomeadamente o restabelecimento da soberania alemã, ocupam lugar de relevo nos comentários da Imprensa parisiense. Mas se a proposta de sir Winston Churchill é recebida com agrado pelos diários «europeus» (excepto a «Aurore»), a «intransigência crescente de Bonn», como escreve o «Figaro», surpreende os jornais, que verificam a ausência do nome da França da proposta de Bonn relativa à instituição de convenções novas para resolver a presença de tropas no território da República Federal. «Será uma falta de tacto ou acto propositado?», perguntam alguns comentadores diplomáticos.

Roger Massip escreve a propósito no «Figaro»: «O comunicado alemão não surpreende na medida em que exprime a reacção de um Governo que se tinha empenhado a fundo a favor da integração no âmbito de um Exército Europeu. Esta reacção é manifestamente inspirada por preocupações de ordem interna. Não deixa, por isso, de dar um tom novo e bastante desagradável às relações franco-alemas».

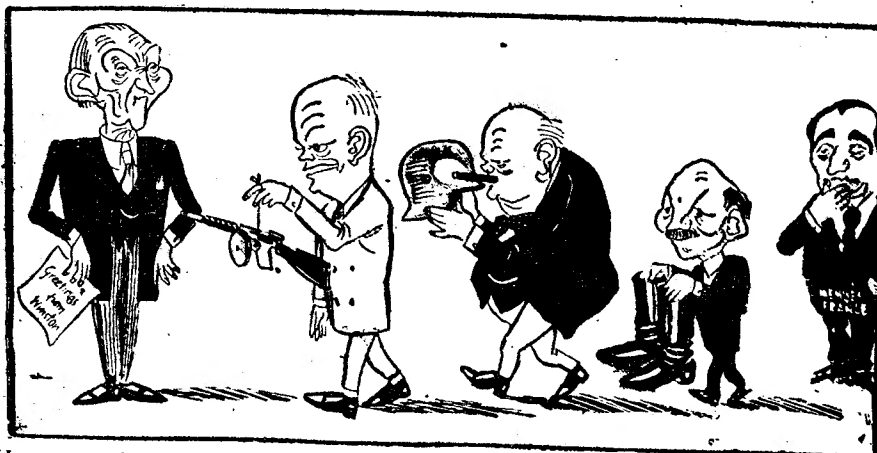
Quanto à proposta britânica, Massip pergunta «qual será a atitude francesa diante das propostas claras que os nossos aliados nos vão fazer? Ninguém o sabe e é provável, aliás, que Mendès-France ainda não tenha fixado definitivamente a linha de conduta que entende seguir».

«Porquê tanta pressão do Governo britânico?»—pergunta Robert Saint Jean no «Parisien Libéré». A bem dizer, sir Winston Churchill e Eden desempenharam muito bem o seu papel. Por um lado, marcaram mais uma vez que, sempre que a França e a Alemanha se opõem, a Inglaterra pode assumir a função de árbitro e conduzir o jogo. Por outro lado, e não vale a pena insistir neste ponto, não quiseram esperar que Mendès-France pusesse em prática o projecto em que tocou, furtivamente, na Assembleia Nacional e pediu, de novo, a Londres que entrasse mais activamente num sistema nem peixe nem carne, que já não seria a C. E. D., mas conservaria alguns traços desta».

Afirma mais adiante que «Mendès-France, salvo imprevisto pouco provável, continuará fiel, contra tudo e todos, ao Pacto do Atlântico, que ele dos seus antecessores como o peão mais certo da nossa segurança, não votou, mas encontrou na herança. Todo o chefe de Governo conscio das suas responsabilidades deve procurar dissipar os mal-entendidos actuais com os Estados Unidos, assim como nunca deve perder de vista que certa unificação da Europa continua indispensável».

Robert Bony, na «Aurore», diz «aos nossos amigos britânicos e americanos»... que não é possível pôr sumariamente a questão do rearmamento da Alemanha e da sua admissão na N. A. T. O. como potência soberana. «Recusamo-nos em absoluto a pensá-lo e consideramos as diversas informações ontem publicadas a este respeito como nulas, porque destituídas de razão. Razões imperiosas exigiram e continuam a exigir da França, da Inglaterra e da América uma atitude comum relativamente à Alemanha. Ao largarem a França pela Alemanha, os nossos amigos britânicos e americanos favoreciam perigosamente o jogo dos que apostam na inversão das alianças, e não desistem de arrastar um dia a Alemanha talvez, e talvez a França, no trilho da U. R. S. S. Os nossos amigos britânicos e americanos não podem desejar isso».

François Courtet nota no «Combat»



Um expressivo «cartoon» aparecido no londrino «Daily Mirror» e a que caberia o título de: «Cada um a sua prenda...». A' esquerda, vê-se o chanceler Adenauer, já portador de recente missiva em que Churchill lhe testemunhava o seu apreço. A seguir, desenha-se o «cortejo de oferendas» para o futuro exército alemão: Eisenhower, portador de espingardas e canhões; Churchill, com o tradicional capacete dos «Fritz»; Attlee, com o par de botas; e Mendès-France com o ar acabado de quem está a amolar o caso...

que «se os partidários da C. E. D. se enganavam ao prever uma grave tensão das relações franco-americanas, não convém cair no erro contrário imaginando que a França poderá dizer «não» indefinidamente sem propor uma solução. Aliás, Mendès-France definiu claramente na sua posição na última sessão da Assembleia...».—(France Presse).

Comentários britânicos

LONDRES, 2.—A decisão do Governo britânico de tomar a iniciativa duma conferência de «Oito» é anunciada hoje, com grandes títulos, por todos os jornais. O Governo, dizem, proporia desde já a admissão da Alemanha à N. A. T. O. mediante certas garantias idênticas às contidas no Tratado de Paris. A conferência realizaria-se na capital inglesa, de aqui a quinze dias, desde que a ideia seja aceite pelos outros países interessados. A reunião do Conselho do Atlântico, pedida por Foster Dulles, só viria depois.

«O Governo britânico—escreve o redactor diplomático do «Times»—não pôs de parte a ideia de outras soluções, além da da N. A. T. O., mas prefere esta como meio de saída para a actual situação. A Alemanha seria admitida à N. A. T. O. em pé de igualdade, se bem que os seus efectivos e a colocação da sua industria de guerra seriam submetidos a restrições, que os outros países-membros poderiam ser levados a aceitar para eles próprios também. Seja como for, uma consulta entre os «Seis» da C. E. D., a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, torna-se necessária e é bem possível que essa consulta se inicie dentro de quinze dias, em Londres. E' claro que os resultados da conferência seriam comunicados aos outros membros da N. A. T. O. O Governo inglês está, naturalmente, pronto a estudar quaisquer outras fórmulas que possam vir a ser submetidas pelas outras potências interessadas».

O «Daily Telegraph» diz que uma consulta preliminar haverá de qualquer maneira, antes da reunião dos «Oito», entre a Grã-Bretanha, a França, os Estados Unidos e a Alemanha federal, acerca da concessão da soberania a esta última, se bem que seja possível que o dr. Adenauer deseje ligar esta questão ao problema da contribuição militar. «O saber-se se é possível impôr-se restrições ao rearmamento alemão—escreve aquele jornal—é de grande importância. Pode ser que algumas das restrições previstas no tratado da C. E. D. sejam retomadas dentro da fórmula da N. A. T. O., mas não seriam de ordem supranacional, sendo evidente que não se aplicariam somente à Alemanha». Pelo seu lado, o «News Chronicle» escreve:

«Em Londres, supõe-se que a conferência se realizará em meados de Setembro, isto é, antes da reunião da Assembleia da O. N. U., marcada para 21. O problema que a conferência terá de resolver é o da contribuição alemã à defesa europeia. Uma das soluções propostas é a que consistiria em criar uma aliança menos rígida do que a da C. E. D., compreendendo, não só

a Grã-Bretanha e a Alemanha, mas também os países escandinavos, além dos «Seis» da Comunidade Europeia. Esta ultima solução não é bem acolhida em Londres onde a preferência vai para a solução N. A. T. O. No entanto, a entrada da Alemanha exigiria a aprovação dos 14 membros da organização do Atlântico-Norte. Mas dado o estado de espírito actual da Assembleia Nacional francesa, é duvidoso que a França a aprove, podendo, porém, fazê-lo se o rearmamento alemão fosse controlado dentro da N. A. T. O. tal como o teria sido dentro da C. E. D.».

Para o «Daily Mail», a solução duma C. E. D. modificada não conviria à Inglaterra, em virtude das suas relações especiais com o «Commonwealth» e com a América. «Admite-se, porém, a necessidade—escreve—de convocar urgentemente uma conferência a fim de desfazer as divergências perigosas que começam a surgir dentro da aliança ocidental. A conferência realizar-se-ia mesmo se o chanceler Adenauer se recusasse a aplicar as convenções de Bonn sem ter resolvido previamente a questão militar».

O «Daily Express» diz: «E' a Grã-Bretanha que convoca a conferência, mas o principal actor será o chanceler alemão. Ninguém sabe, agora que a França rejeitou a C. E. D., o que é que o chanceler aceitará ou recusará nos novos projectos. Mas tudo leva a crer que ele aumentará o preço da sua colaboração na causa comum».—(France Presse).



Um «Cocktail-Party»
com produtos da

FABRICA ANCORÁ
FUNDADA EM 1882

...uma delícia!...

5 GRANDES PRIZ - 5 MEDALHAS DE OURO
LISBOA

Fataça à Ribatejano

Mais um prato regional do «Ribatejano»—Salvaterra de Magos—Tel. 14

SAPATARIA **CONTENTE**
RUA ST.ª JUSTA, 98-100
GRANDE **SALDO**
de sapatos para Senhora
Homem e Criança

Os acepipes do **GAMBRINUS** são uma refeição completa
Amanhã, prato especial: Bacalhau à Gambrinus